

FACULDADE ASSEMBLEIANA DO BRASIL
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA
FABIANO F. LEITE GUIMARÃES

A CRUZ DE CRISTO: UMA TEOLOGIA PARA A ATUALIDADE

GOIÂNIA - GO

2017

FABIANO F. LEITE GUIMARÃES

A CRUZ DE CRISTO: UMA TEOLOGIA PARA A ATUALIDADE

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Faculdade Assembleiana do Brasil como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação da professora Drnda Lázara Divina Coelho.

GOIÂNIA - GO

2017

Faculdade da Igreja Ministério Fama
Biblioteca Central

CIP - DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

G963c Guimarães, Fabiano Francisco Leite.
 A cruz de Cristo: uma teologia para a atualidade / Fabiano Francisco
 Leite Guimarães -- 2017.
 61 f.

 Orientadora: Lázara Divina Coelho.
 Monografia (Graduação) – Faculdade Assembleiana do Brasil, Curso de
 Teologia Bacharelado, Goiânia, Goiás, Brasil, 2017.

 1. Pregação. 2. Sermão. 3. Mensagem bíblica - Conteúdo. 4. Teologia
 cristã. 5. Cristologia. I. Título. II. Subtítulo. III. Coelho, Lázara Divina, Orient.

CDU: 252

Ficha Catalográfica elaborada por:
Dannilo Ribeiro Garcês Bueno
Bibliotecário
CRB-1: 2162

Dedico este trabalho a Deus que por sua graça me chamou para o fazer teológico, por meio da sua Palavra. A minha princesa Suzyanne que esteve comigo nos momentos e nas horas mais difíceis e por acreditar e estar comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois o que seria de mim sem Ele, sem a sua graça!

Agradeço a minha princesa e esposa Suzyanne Guimarães de Sousa Leite e ao nosso filho Elias Leite Guimarães, que em todos os momentos mesmo sem saber me incentivou; deles eu tanto precisei. Amo-os!

À professora orientadora doutoranda Lázara Divina Coelho que foi paciente e tanto me auxiliou através do seu conhecimento na realização deste trabalho.

Aos professores que fizeram parte desta formação desde o início da minha vida, aos professores da educação infantil, ensino fundamental e médio; aos professores que me orientaram durante este curso de graduação, a todos que compartilharam o seu conhecimento, muito obrigado.

Aos acadêmicos do curso que contribuíram para a realização deste.

Aos amigos e colegas que me apoiaram nesta etapa da minha vida, meus agradecimentos.

“Porque dele, por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.” (Apóstolo Paulo)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo entender e demonstrar porque algumas igrejas estão anunciando na mensagem, a crucificação de Cristo como requisito do valor humano e não do caráter santo, reto e justo de Deus. Nos dias hodiernos a mensagem da cruz de Cristo tem tomado outro viés, caminhando em controvérsia com o seu verdadeiro significado: o negar a si mesmo. O resgate da pregação sobre a cruz de Cristo em sua mensagem cristocêntrica pela igreja necessita voltar à sua gênese, pois Deus veio ao mundo para dar a vida em resgate pela humanidade, na cruz a intensidade e a malignidade de nossos pecados o levaram para ela. Nela tudo se reconciliou com Deus por seu amor incondicional e imensurável. Na pregação oriunda de sua Palavra que foi o fundamento alicerçado por Ele, para anunciá-la de maneira fiel a igreja têm um desafio que precisa ser superado. Não basta pregar Cristo, é necessário anunciar a nossa crucificação com ele. Pois, a sua morte teve como finalidade nos incluir no mesmo processo.

Palavras-chave: Cruz. Cristo. Pregação. Igreja. Atualidade.

ABSTRACT

This research aims to understand and demonstrate why some churches are announcing in the message, the crucifixion of Christ as a requirement of human value and not of his holy character and immutable righteousness. In modern times, in which the message of the cross of Christ has taken another bias, walking in controversy with its true meaning: To deny oneself. The rescue of the preaching on the cross of Christ in his message christocentric church needs to return to its genesis, for God came into the world to give life as a ransom for mankind, on the cross the intensity and malignity of our sins led to it. In her everything was reconciled with God by his unconditional and immeasurable love. In the preaching from his Word which was the foundation founded by him, To announce it faithfully to the church Have a challenge that needs to be overcome. It is not enough to preach Christ, it is necessary to announce our crucifixion with him. For his death was intended to include us in the same process.

Keywords: Cross. Christ. Preaching. Church. Actuality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
1.1 Elemento histórico da crucificação.....	13
1.2 A cruz e seu significado na história.....	15
2 A ESSÊNCIA DA CRUZ.....	21
2.1 A mensagem da Cruz.....	22
2.2 Auto doação de Jesus.....	28
2.2.1 O homem precisa do salvador.....	29
2.3 O significado da Cruz.....	31
3 A CRUZ E A PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA.....	37
3.1 O estado atual da pregação.....	38
3.2 Aspectos necessários da pregação da cruz.....	50
3.2.1 Porque a cruz é o cerne da pregação.....	52
3.2.2 Porque a cruz é relevante.....	53
3.2.3 Porque a cruz significa a auto doação do Filho.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

As igrejas da atualidade têm se esquecido do propósito básico que Jesus deixou aos homens que o seguiam. Assim, podemos dizer que a obra de Deus tem mudado o seu principal fundamento. Os cristãos estão mais inclinados para a vida terrena e não para a Palavra de Deus, pensando apenas no agora e se esquecendo da salvação mediante a cruz.

Vivemos em uma época em que a doutrina e as diversidades teológicas nas igrejas, mostram-se cada vez mais contrárias a Palavra de Deus. Vemos uma sociedade mercantilista, capitalista, consumista, egoísta, imediatista, neo-liberalista, alienada e voltada para o antropocentrismo, ainda, esfacelada, insatisfeita e vazia de sentido.

Dessa forma, o desígnio da igreja, segundo Botelho (2012), é perpetuar o evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo, de modo fidedigno às Escrituras e apresentar essa mensagem de maneira contextualizada e atualizada para a vida das pessoas do século XXI. Botelho (2012, p. 14) afirma que há a “[...] necessidade do equilíbrio entre a fidelidade à Palavra revelada de Deus nas Escrituras e a relevância frente aos desafios do mundo”. Por isso, pergunta-se: como as igrejas têm anunciado e pregado a mensagem da cruz?

Assim, surge a necessidade de compreender por detrás do conceito e do ato da pregação, o tipo de Deus que está sendo pregado e o seu propósito. O sermão que pregaremos demonstrará se enfoca a redenção, pois, ratificará ou não os atos de Deus, mediante a morte de Jesus Cristo por meio de sua cruz (STOTT, 2003). É fato que a pregação poderá apresentar ao pecador a cruz. Sobre isso afirma a Escritura.

De fato, a pregação é crucial para o evangelho. Sem ela, este perde algo que lhe confere autoridade. Isso porque o Cristianismo é, essencialmente, uma religião da Palavra de Deus. Que fala por meio dela, que é bíblica, encarnada e atual. É a fala de Deus que torna necessária a pregação e a suprema obrigação de anunciar a Cristo ao mundo (STOTT, 2003).

O objetivo desta pesquisa, por meio de consultas bibliográficas de teóricos como Stott (2003; 2006), Piper (2003), Matos e Costa (2008), e Botelho (2012), referenciais que falam e discorrem sobre o assunto do presente tema, a cruz de Cristo,

com propriedade, pois está é o centro da mensagem bíblica. A pesquisa de campo, por sua vez, visa identificar a pregação e a mensagem atual, para constatar se é cristocêntrica e glorifica a Deus, ou não; esta, empreendida anteriormente durante um semestre na disciplina Homilética I: Princípios bíblicos para a pregação, visou justamente saber se a pregação atual traz ou não as marcas da cruz.

Os capítulos que seguem tratam o assunto da seguinte forma: capítulo 1, *Contexto histórico*, introduz como a cruz era vista no passado e o método de crucificação; o capítulo 2, *A essência da cruz*, aponta para seu significado, como Deus se entregou na cruz por meio de Jesus Cristo, considerando que o homem precisa de um salvador e a mensagem da cruz revela a salvação; e, por fim, o capítulo 3, *A cruz e a pregação contemporânea*, demonstra o estado atual da pregação em contraste com a mensagem bíblico-cristã, porque a cruz é o centro do evangelho, e como ela reflete na submissão prazerosa do cristão.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

A palavra cruz vem do latim *crux* e corresponde ao grego *stauros* (estaca, cruz), diz a respeito de uma estaca ou pau pontiagudo, cravado verticalmente. A palavra *xylon* (madeira, árvore), usualmente significa madeira ou árvore. No Novo Testamento e em outros escritos daquele tempo, tais palavras constantemente se referem a um modo cruel e degradante de pena capital, chamada crucificação (ELWELL, 2009).

Essas duas palavras apontam para o instrumento de execução no qual Jesus morreu, *xylon*, “madeira, árvore”, e *stauros*, “estaca, cruz”. O termo *xylon*, usado no NT para madeira ou matéria, tem conexão com Deuteronômio (21.23) e é citado em Gálatas (3.13): “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro”. Já o termo *stauros* nos evangelhos, nas narrativas relatadas sobre a execução de Jesus, e nos relatos da literatura paulina, reflete os sofrimentos e a morte de Cristo (BROWN; COENEN, 2000).

Na literatura canônica, cruz e crucificação se revestem de real significado, devido e após a morte de Jesus e ao fato de ela haver alcançado significado. Para uma compreensão melhor do assunto, os fatos sobre a crucificação devem ser incluídos com o próprio ato de Jesus no mundo antigo, o efeito que causou e as implicações sociais e culturais (ELWELL, 2009).

Por causa da dolorosa forma que a morte por crucificação representava, e o seu longo período que sucedia até a morte, ela apresentava a forma de execução mais dolorosa, cruel e bárbara. As suas origens são desconhecidas. Elwell (2009, p.389-390) declara que:

[...] segundo se tem notícia, era praticada de uma forma ou outra por vários grupos (tais como os indianos, os citas, os celtas, os germanos, os britanos e os taurianos), porém associa-se mais estreitamente aos persas, os cartagineses, os fenícios, os gregos e especialmente os romanos.

De acordo com Born (2004), a cruz, desde os tempos pré-cristãos na Babilônia, era tão somente um símbolo, sinal ou ornamento na forma de cruz gamada ou

suástica¹. Stott (2006, p.18), sobre a cruz suástica, demonstra sua antiguidade: “[...] Por outro lado, há sinais de 6.000 anos atrás²”.

No Novo Testamento, possivelmente, houve várias formas de cruz, geralmente usadas pelos romanos. Além do poste único, *cruz simplex*, formada por dois pedaços de madeiras, cruz de Santo Antônio, *crux comissa*, na forma de um T, havia a cruz latina, *crux immissa*, em que a peça vertical ultrapassa a peça colocada, como também a cabeça da vítima; a tradição favorece a última (ELWELL, 2009).

Conforme os evangelistas-autores do Novo Testamento, sobre sua cabeça, colocaram por escrito a acusação feita contra ele: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS. Entretanto, além da acusação, a crucificação oferecia aos algozes³ a chance de usarem a sua criatividade, mais cruel e perversa. As vítimas eram eventualmente penduradas por vários meios grotescos (ELWELL, 2009).

1.1 Elemento histórico da crucificação

Os escritores dos Evangelhos não descrevem todo o processo de crucificação. Segundo Stott (2006), se dependêssemos única e exclusivamente deles, não haveria como saber o que aconteceu, pois nenhum dos quatro evangelistas descreveu o processo de crucificação. Entretanto, existem outros documentos contemporâneos que relatam o modo de execução na crucificação.

Conforme Youngblood, Bruce e Harrison (2004), a crucificação era utilizada por diversas nações do mundo antigo, como Assíria, Média e Pérsia. Alexandre, o Grande, da Grécia (332 a.C.), crucificou dois mil habitantes de Tiro quando aprisionou a cidade. Posteriormente, os romanos adotaram esse método e o usaram constantemente por todo o Império. A crucificação era a maneira de execução severa, que os romanos utilizavam; era reservada para os escravos e criminosos, pois cidadão romano

¹ **Cruz suástica** é uma cruz cujos braços definem um sentido giratório, num movimento de rotação em torno de um centro imóvel, uma vez que representa um símbolo de **ciclo**, de **manifestação**, de **ação** e de **regeneração**. A cruz suástica é também chamada de **cruz gamada** (BORN, 2004).

² “As pontas se dobras para a direita, simbolizando ou o movimento do sol no céu, ou o ciclo das quatro estações, ou o processo de criatividade e prosperidade. No início do século 20, porém, alguns alemães adotaram a suástica como símbolo da raça ariana. Então Hitler se apossou e ela passou a representar a sinistra intolerância racial nazista” (STOTT, 2006, p. 18).

³ Algozes nome dado à pessoa que é responsável pela execução de determinada punição ou castigo, principalmente no sentido de carrasco que executa as penas de morte dos condenados (ELWELL, 2009).

nenhum poderia passar por tal ato de crucificação. Youngblood, Bruce e Harrison (2004, p. 365) contam os horrores que precediam a crucificação:

Aqueles que estavam sentenciados a morrer em uma cruz no período romano eram, normalmente, espancados com chicotes de couro, procedimento que resultava geralmente em grande perda de sangue. Em seguida, eram forçados a carregar a viga horizontal até o local de execução, onde a estaca vertical já ficava posicionada.

De acordo com Elwell (2009), o método de crucificação consistia na elevação do condenado sobre um poste (*cruz simplex*) e a maioria envolvia o uso de pelo menos dois pedaços de madeira para formar uma armação, à vista de todos, expondo-o ao escárnio do povo. Depois de apresentada a sentença, o condenado era obrigado a carregar a cruz para execução, sempre fora da cidade. Os braços estendidos da vítima eram presos à viga lateral com pregos ou cordas. Levantada, então, a viga era fixada ao poste vertical (que em algumas áreas deve ter sido fixada, tanto por conveniência como por advertência). Os pés eram fixados de modo a forçar os joelhos a ficarem dobrados. Contrário ao senso comum, as cruzes não eram altas; provavelmente, os pés permaneciam a poucos centímetros do chão. A tabuleta que explicava a acusação era pregada na cruz.

A crucificação consistia em prender a vítima com tiras de couro ou com pregos pelos pulsos em uma viga horizontal presa a um madeiro vertical. Ocasionalmente, blocos de madeiras, ou pequenas estacas serviam de assento, pois eram colocadas no madeiro para as vítimas, para permanecerem suspensas pela viga. Com os pés presos ao madeiro vertical, a vítima era pendurada pelos braços, e o sangue não mais circulava pelos órgãos vitais. Apenas quando se apoiava no assento obtinha um alívio momentâneo (YOUNGBLOOD; BRUCE; HARRISON, 2004).

Porém, com o início da exaustão gradual, a morte era consequência natural, não levando muitos dias. Ao espancar os condenados, estes não sobreviviam por muito tempo. Assim, os executores costumavam quebrar as pernas das vítimas para apressar a morte. Dessa forma, não conseguiam suportar o peso do corpo, e a circulação sanguínea não era mantida, de modo que a morte se tornava rápida (YOUNGBLOOD; BRUCE; HARRISON, 2004).

No caso de Jesus, não foi necessário ser quebrado, pois a morte aconteceu mais rápido do que o normal. E isso ficou comprovado quando o espetaram com uma lança para confirmar a sua morte (Jo 19. 31-37). Os crucificados, frequentemente,

eram deixados para serem devorados por aves e animais carnívoros; assim, o ato se tornava mais vergonhoso publicamente, o que também não aconteceu com Jesus (Jo 19. 38-42).

Segundo Eicher (1993), na prática romana os insultos regularmente antecediam a crucificação, como aconteceu com Jesus. A acusação pela qual o condenaram, foi a transgressão da lei romana, traição e rebelião que os judeus lhe imputaram (Lc 23. 2-5; Jo 19.12).

Conforme relata Eicher (1993, p. 204), esse costume foi abolido alguns séculos depois: “[...] a crucificação foi suprimida pelo primeiro imperador cristão, Constantino (306-337 d.C)”. Os soldados foram surpreendidos com o fato de Jesus ter morrido tão depressa, pois a morte por crucificação acontecia só após alguns dias. Era costume dar bebida para causar certa dormência no condenado; esse costume era judaico e não romano (Mt 27.34; Mc 15.23), mas essa bebida Jesus recusou.

1.2 A cruz e seu significado na história

Um símbolo cristão universalmente aceito revelaria, obviamente, a respeito de Jesus Cristo. Entretanto, eram diversas as possibilidades (a manjedoura, o banco de carpinteiro, a toalha etc.) que poderiam representar o Cristianismo e dentre elas, a cruz. Stott (2006, p. 19) explica:

Os cristãos podiam ter escolhido a manjedoura em que o menino Jesus foi colocado, ou o banco de carpinteiro em que ele trabalhou durante sua juventude em Nazaré, dignificando o trabalho manual, ou o banco do qual ele ensinava as multidões na Galileia, ou a toalha que ele usou ao lavar os pés dos apóstolos, a qual teria falado de seu espírito de humildade serviço. Também havia a pedra que, tendo sido removida da entrada do túmulo de José, teria proclamado a ressurreição. Outras possibilidades eram o trono, símbolo de soberania divina, o qual João, em sua visão, viu que Jesus partilhava, ou a pomba, símbolo do Espírito Santo enviado do céu no dia de Pentecoste. Qualquer destes sete símbolos teria sido apropriado para indicar um aspecto do ministério do Senhor. Mas, pelo contrário, o símbolo escolhido foi uma simples cruz. Seus dois braços já simbolizavam, desde a remota Antiguidade, os eixos entre o céu e a terra.

Na perspectiva histórica, Matos (2008, p. 11) relata que a cruz passou por profundas modificações tornando-se: “[...] o símbolo e o conteúdo principal da religião cristã e da civilização cristã. Duas coisas se destacam sobre a cruz como símbolo cristão: a sua universalidade e as profundas transformações ao longo dos séculos”.

De acordo com Stott (2006), os gregos e romanos se apossaram da crucificação que, possivelmente, fora inventada pelos bárbaros. A crucificação era reservada para assassinos, rebeldes, ladrões, contanto que fossem escravos, estrangeiros ou pessoas sem posição na sociedade.

A cruz, antes mesmo da crucificação de Jesus, já era usada como medida de pacificação na Judéia; o seu uso excessivo tornou-a inconcebível para os judeus (MATOS, 2008).

Segundo Stott (2006), parece certo que a partir do século II, os perseguidos cristãos não somente desenhavam, pintavam e gravavam a cruz como símbolo visual de sua fé, por certo que também faziam o sinal da cruz em si mesmos ou nos outros. Uma testemunha procedente “[...] dessa prática foi Tertuliano, o advogado-teólogo do Norte da África, em cerca de 200 A.D”. (STOTT, 2006 p. 19).

Tertuliano escreveu, no século III: “Em cada passo, em cada movimento, em cada entrada e saída [...] ao deitarmos ou sentarmos, qualquer que seja a atitude que assumimos, nós marcamos as nossas testas com um pequeno sinal da cruz”. Esse uso generalizado do sinal da cruz pelos crentes sugere que, no culto público, cerimonialmente, era utilizado com frequência (MATOS, 2008).

Segundo Stott (2006), em meio ao século III, quando Cipriano, outro norte africano, era bispo de Cartago, o Imperador Deciano⁴ (250-251 A.D.) suscitou uma horrível perseguição, na qual milhares de cristãos morreram pelo fato de não oferecerem sacrifício em seu nome. Stott (2006, p. 20-21) expressa como Cipriano encorajava o povo:

[...] Na ânsia de fortalecer o moral do povo, e incentivá-los a aceitar o martírio em vez de comprometer a fé cristã, Cipriano lembrava-os da cerimônia da cruz: tomemos também como proteção da nossa cabeça o capacete da salvação [...] para que nossa frente possa ser fortificada, de modo que conservemos seguro o sinal de Deus. Quanto aos fiéis que suportaram

⁴ Stott (2006, p.20) apresenta o Imperador no seu livro com esse nome. Entretanto, o historiador Eduardo Soares de Oliveira em sua pesquisa: A Injustiça no Direito Romano: o caso da perseguição aos cristãos em Roma na visão de Tertuliano, apresenta-o como Décio e diz que após esta data, inicia-se um tipo diferente de perseguição, onde podemos identificar as chamadas grandes perseguições, nas quais encontramos personagens como os Imperadores Décio (250-251) e Diocleciano (303), como grandes perseguidores declarados, pois como nos lembra a Ste.Croix: “No ano de 250 - tempo de caos político e invasões bárbaras -, a primeira das três perseguições gerais, a do imperador Décio, assinalou o começo de uma nova etapa...O edito de Décio limitava-se a ordenar a todos os habitantes do império que fizessem uma oferta aos deuses e obtivessem um certificado como prova. Na medida em que esta ordem se impusera a força, ela supõe o abandono do princípio de Trajano, *conquirendi non sunt*, pois ao negar a fazer a oferta, descobria-se automaticamente quem era cristão”. (STE. CROIX, 1971, p. 348, apud. OLIVEIRA, 2012, p. 281).

prisões e arriscaram a vida, Cipriano os louvava, dizendo: as vossas fronteiras, santificadas pelo selo de Deus [...] foram reservadas para a coroa do Senhor.

De acordo com Stott (2006), foi Constantino, no século IV, o primeiro imperador a professar a fé cristã, quem impulsionou o uso simbólico da cruz, pois, segundo Euzébio, nas vésperas da batalha da Ponte Milviana, que lhe deu o domínio no Ocidente (321-313 A.D), ele viu uma cruz iluminada no céu, com as palavras *in hoc signo vinces*: “vence por este sinal”. Rapidamente adotou-a como símbolo e mandou colocá-la nas bandeiras de seu exército. Assim, Stott, (2006, p. 21-22) relata que:

Qualquer que seja a idéia que façamos de Constantino e do desenvolvimento da cristandade depois dele, pelo menos a igreja tem fielmente preservado a cruz como seu símbolo central. Em algumas tradições eclesásticas o candidato a batismo ainda é marcado com esse sinal, e os parentes do cristão que, depois de morrer é enterrado e não cremado, muito provavelmente mandarão erigir uma cruz sobre a sua sepultura. Assim, desde o nascimento do cristão até a sua morte, como podíamos dizer, a igreja procura nos identificar e proteger com a cruz.

O imperador Juliano (332-363) ocultou a cruz por um momento, mas depois dele ela passou a ser usada nas moedas e até mesmo no diadema imperial. E, conseqüentemente, se impôs em inscrições funerárias, altares, relicários, lâmpadas, jóias e monogramas. As casas e fachadas das basílicas também fizeram uso delas (MATOS, 2008).

A cruz, para os primeiros cristãos, era vista na vida comum, na arte e na natureza. O sinal da cruz tornou-se o símbolo predileto. A escolha dos cristãos pelo uso simbólico da cruz tinha uma explicação específica. Segundo Stott (2006), comemorar a compreensão que tinham da pessoa de Jesus, que não se encontrava no nascimento nem na sua juventude, ensino, serviço, ressurreição, reino e sua dádiva do Espírito, mas em sua morte e crucificação. Quanto ao crucifixo (isto é, uma cruz em miniaturas representando a imagem de Cristo) aparentemente não foi usado até o século VI. Matos (2008, p. 16) explica como surgiu:

Na Idade Média, a expressão ‘tomar a cruz’ significa dedicar-se à luta contra os infiéis ou maometanos (daí as Cruzadas). A cruz também se tornou um símbolo hierárquico na Igreja Católica. Assim, nos procionais o papa é precedido de uma cruz com três barras [o crucifixo], os cardeais e arcebispos com duas e os bispos com uma.

Entretanto, a cruz não se limita somente ao âmbito religioso. A própria colonização do país, como nos conta a *História do Brasil*, traz um exemplo desse fenômeno. No dia 1 de maio de 1500, os conquistadores erigiram a primeira cruz em solo brasileiro. Os dois primeiros nomes dados ao Brasil, em sinal da presença do Cristianismo que justifica a expansão colonialista de Portugal, foram *Ilha de Vera*⁵ *Cruz* e *Terra de Santa*⁶ *Cruz* (MATOS, 2008).

Porque a cruz é assim tão importante? Matos (2008) nos diz que o interesse dos escritores do Novo Testamento pela cruz não é histórico, porém cristológico.

A cruz se tornou um símbolo cristão, embora os cristãos se recusassem a aceitá-la, como demonstrou o próprio apóstolo Pedro, quando Jesus declarou abertamente em Marcos (8. 31-33) sobre a sua morte:

E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do Homem padecesse⁷ muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos, e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que, depois de três dias, ressuscitaria. E dizia abertamente estas palavras. E Pedro o tomou à parte, e começou a repreendê-lo. Mas ele, virando-se, e olhando para os seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Retira-te de diante de mim, Satanás; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens.

Assim, Jesus falou da sua morte que aconteceria posteriormente, embora não usando a palavra cruz, a qual seria o meio pelo qual ele morreria e logo após ressuscitaria.

⁵ A tradição da descoberta da “verdadeira cruz” (Vera Cruz) é mencionada pelos antigos historiadores cristãos Sócrates, Sozômeno, Rufino e Teodoreto, mas não por Eusébio, uma autoridade mais importante. Segundo a tradição, Helena, a mãe de Constantino, em 325, quando tinha 79 anos, descobriu a verdadeira cruz de Cristo através de uma escavação que ordenou que fosse feita no local tradicional do seu túmulo. Um milagre de cura, resultante de um contato com essa cruz, revelou sua identidade. Quando foi descoberta, a cruz estava intacta, até mesmo os cravos tendo sido achados, bem como as cruces dos malfeitores crucificados com Jesus. [...] A lenda da descoberta da cruz por Helena não passa de uma versão de uma antiga lenda de Edessa, que narra uma descoberta idêntica, sob as mesmas circunstâncias, pela esposa do imperador Cláudio, que teria convertido ao cristianismo pela pregação de Pedro (MATOS, 2008, p. 15-16).

⁶ A Santa Cruz tinha suas igrejas e festas especiais; muitas cidades receberam o seu nome. Ela tornou-se objeto de um verdadeiro milagre da “multiplicação da cruz”, explicou-se a existência de relíquias da mesma em muitas igrejas católicas pelo mundo afora. Desde a época do papa Gregório I (6º século), o Ocidente passou a celebrar a festa da descoberta ou Invenção da Cruz (*inventio crucis*) no dia 3 de Maio. Na igreja oriental a festa é celebrada no dia 13 de setembro. Quando a cruz foi tomada e miraculosamente recuperada, a igreja instituiu outra festa anual, a Exaltação da Cruz (*exaltatio crucis*). Perdida novamente após a invasão muçulmana, ela finalmente deverá aparecer no fim do mundo, segundo crêem os católicos (MATOS, 2008, p. 16).

⁷ *Padecesse* indica uma necessidade divina que se origina da vontade de Deus. Essa é a primeira das três declarações explícitas sobre a morte de Jesus (Mc. 9.31; 10.33-34).

De acordo com Sproul Jr. (2013), por mais que essa verdade seja verídica em qualquer geração, é essencialmente relevante para a atualidade. Talvez não tenha surgido uma época em que a cruz tenha sido tão controversa quanto nos dias hodiernos, apesar que, na história da igreja, houveram outras épocas em que surgiram teólogos que consideraram a cruz um acontecimento desnecessário.

Contudo, toda a Escritura aponta e fala a respeito de Cristo e de sua cruz. Botelho (2013, p. 11) descreve uma das épocas em que a mensagem do evangelho teve um declínio teológico em razão do abandono da mensagem da cruz:

A razão teológica surgiu no contexto do século XIX, período marcado por intensa descrença em que se levantaram várias críticas e ameaças à mensagem cristã do Novo Testamento. O propósito de alguns intérpretes da época era oferecer uma nova interpretação da mensagem dos evangelhos, à luz daquilo que consideravam ser o conhecimento moderno de suas próprias filosofias.

Essa busca por uma mensagem cristã atual interferiu negativamente na interpretação e resultou em que devemos compreender as narrativas e descrições dos evangelhos como uma interpretação mitológica (BOTELHO, 2013). Sawyer (2009, p. 441) indica que a revelação objetiva da Escritura, inerrante, sofreu com esse novo método:

Apesar de terem potencial para a conscientização de Deus, os seres humanos vivem por natureza num estado de esquecimento de Deus, do qual não são capazes de se libertar. A redenção é encontrada por meio da experiência de Cristo na vida comunitária da Igreja. A redenção é mística, centrada na comunhão pessoal do cristão com o homem totalmente consciente de Deus: Jesus Cristo. [...] Essa foi a redenção que Jesus realizou e trouxe para a humanidade. Assim, a cruz não foi um sacrifício expiatório, mas um exemplo da disposição de Jesus em solidarizar com o sofrimento. A redenção, portanto, era a transformação interior do indivíduo, do estado de esquecimento de Deus para o estado de conscientização de Deus.

Como podemos escapar dessa armadilha centrada em nós mesmos e entendermos o que a cruz expressa e demonstra? Precisamos olhar para Jesus e ter uma compreensão de que o motivo de sua morte na cruz nos mostra o quanto ele nos ama (KELLER, 2012).

A cruz, como apresentada neste trabalho monográfico, é de suma importância para as gerações passadas. Do mesmo modo, é essencial para as gerações atual e

futura. Diante disso, segue-se um capítulo sobre sua essência, seu significado e sua mensagem para todos os tempos.

2 A ESSÊNCIA DA CRUZ

Este capítulo tem, como foco, demonstrar a essência da cruz de Cristo, o seu significado e a sua mensagem por meio da entrega de Jesus. A cruz, para o Cristianismo, tem significado universal de fé cristã; esse significado não se encontra na manjedoura⁸ (nascimento), e sim no que ele alcançou e resgatou para a humanidade (STOTT, 2006).

Assim, a cruz é o centro da fé cristã. E a sua veracidade não é sempre reconhecida, por toda parte em si mesma, mas é justificada para um testemunho distintamente cristão. Segundo Sproul (2006), no decorrer de toda a história do Cristianismo, talvez não tenha existido um momento, em que a relevância da centralidade e necessidade da cruz tenha sido um assunto tão controvertido quanto na atualidade.

Tudo o que as Escrituras dizem sobre o meio pelo qual Deus efetua a salvação, pode ser descrito como enfoque mais crucial da obra de Cristo representada pela cruz: “Observemos o símbolo universal do Cristianismo: a cruz. Ela cristaliza a essência do ministério de Cristo. Capta a mais profunda dimensão de sua extraordinária paixão” (SPROUL, 2006, p. 42).

Na cruz, Jesus, no final de seu ato de redenção, declarou: “Está consumado” (Jo 19.30). Ali ele finalizava sua oferta de redenção do homem: experiência inquietante da separação de Deus, para que possamos ter o descanso profundo de saber que ele nos ama e que nossos pecados estão perdoados.

Portanto, quer queiramos, quer não, estamos envolvidos. Os nossos pecados o trouxeram à cruz. Assim, o retorno da pregação sobre a cruz de Cristo, por parte da igreja, é questão essencial, pois ali Deus estava reconciliando consigo mesmo o mundo por meio de Cristo resgatando a humanidade (STOTT, 2006).

A cruz é um assunto de pouco interesse atualmente, pois é ofensa ao homem natural, e a sua mensagem hostiliza os arrogantes inconvertíveis da religião (PARANAGUÁ, 2002).

⁸ A manjedoura era o local onde se colocava comida para os animais se alimentarem. Mas a mensagem do nascimento de Jesus fica incompleta se parar nela, pois, não aponta somente para o seu nascimento, contudo para o seu real propósito. Quando entendemos isso, o nascimento de Jesus se reveste de real significado (STOTT, 2006).

Assim, conforme Botelho (2012), é necessário ter consciência de que a mensagem da igreja não é inédita, uma vez que ela é única para todos os tempos. Somos arautos do Rei e a nossa incumbência é anunciar o que nos foi confiado nas Escrituras. A pregação não é para propagar ideias e opiniões próprias (resultantes de *eisegese*), pois a mensagem é para a proclamação dos poderosos atos de Deus. Porquanto, não podemos alterá-la e nem substituir o seu conteúdo.

2.1 A mensagem da Cruz

A pregação do evangelho é a proclamação persistente de Cristo crucificado e também da nossa co-crucificação com ele. Stott (2006, p. 347), definindo a pregação do Evangelho, afirma:

Pregar o evangelho é proclamar a cruz. É verdade que devemos acrescentar a ela a ressurreição. Da mesma forma devemos acrescentar que Jesus nasceu de uma mulher sob a lei. Mas o evangelho em essência é as boas novas do Cristo crucificado.

Para Stott (2003), a mensagem da cruz é proclamar a Cristo. Spurgeon diz sobre isso, falando a respeito da mensagem que deveria ser universal dos mensageiros de Deus, a respeito do Cristo crucificado:

De tudo quanto eu desejaria dizer, o resumo é o seguinte: meus irmãos, preguem a Cristo, sempre e perpetuamente. Ele é a totalidade do Evangelho. Sua pessoa, ofícios e obra devem ser nosso único tema grande, que a tudo compreende. O mundo ainda precisa ficar sabendo do seu Salvador, e do meio de alcançá-lo [...] A salvação é um tema em favor do qual eu gostaria de alistar toda língua santa. Estou guloso por testemunhas do Evangelho glorioso do Deus bendito. Quem dera que Cristo crucificado fosse a mensagem universal dos homens de Deus (LECTURES, apud STOTT, 2003, p. 163).

Essa mensagem atesta para o nascimento ou a encarnação de Cristo. É um ponto importante apontar para o Cristo na aparência humana que se fez carne e habitou entre nós. De modo que o Novo Testamento trata e fala sobre como era necessário que nascesse de uma maneira específica e se sujeitasse à lei de Deus neste mundo, contudo a lei e o pecado não foram capazes de impedir que Cristo fosse o nosso salvador (BOTELHO, 2012).

Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Jesus ao ser entregue para ser crucificado, após o açoitarem. Mateus (27. 27-31) relata o acontecimento:

Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o Pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlata; tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus! E, cuspido nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça. Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado.

O salmista escreveu no Salmo (22. 18): “repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sorte”. Em um paralelo com este versículo, o Evangelho de João (19. 23-24) confirma o relato das Escrituras para o cumprimento da profecia:

Os soldados, pois, quando crucificaram Jesus, tomaram-lhe as vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e pegaram também a túnica. A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá – para se cumprir a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sorte. Assim, pois, fizeram os soldados.

O evangelista Marcos (15. 22-24) continua a dizer sobre a crucificação de Jesus e o caminho para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira: “Deram-lhe a beber vinho com mirra; ele, porém. Não tomou. Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes dele, lançando lhes sorte, para ver o que levaria cada um”. Marcos (15. 25-28), novamente como os outros evangelhos ratifica a respeito do cumprimento das Escrituras:

Era a hora terceira quando o crucificaram. E, por cima, estava em epígrafe, a sua acusação: O REI DOS JUDEUS. Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda. [E cumpriu-se a Escritura que diz: Com malfeitores foi contado⁹].

Vemos o relato de Jesus citando o Antigo Testamento, em sua fala que é descrita em Salmos (31. 5): “Nas tuas mãos, entrego o meu espírito”. Mais uma vez,

⁹ Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu (ISAÍAS 53. 12).

no evangelho de Lucas (23. 44-47) é confirmado as Escrituras por meio da entrega de Cristo:

Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona. E rasgou-se pelo meio o véu do santuário. Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou. Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo.

Conforme o evangelho de João (19. 28-30), depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a escritura, disse: Tenho sede! E então deram de beber em uma esponja de vinagre a ele. Cumprindo o Salmo (69. 21): “Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre”. Quando, pois Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.

Então, os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados. Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados; chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. Aquele que isto viu testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais. E isto aconteceu para se cumprir a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E outra vez diz a Escritura: Eles verão aquele a quem traspassaram (João 19. 31-37).

A centralidade da cruz estava na mente de Paulo, ele pregou a mensagem da cruz sem qualquer pretensão intelectual de vanglória ou métodos oratórios em sua abordagem. Pois, sabia que qualquer esforço em evangelizar através da sabedoria do mundo a pregação seria vazia. Assim, o evangelho perderia o seu sentido e tornaria sem autoridade. Em suas palavras em 1 Coríntios (1. 17-25):

Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo. Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder

de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Os homens estão buscando ser mais sábios, mas geralmente ignoram a suprema fonte da sabedoria. As Escrituras apontam e refere-se a um suposto intelectualismo e pretensões orgulhosas do homem. A cruz acaba com esse orgulho, Paulo resistiu a essa tendência de querer para si a glória que só é devida a Deus. Portanto, a mensagem deve estar na dependência de Deus e não na glória humana, pois a Deus a honra, a glória e o poder.

Jesus Cristo é o poder de Deus porque Ele salva do pecado. Ele é a sabedoria de Deus porque nele a natureza, os propósitos e os planos de Deus são revelados ao homem. Cristo pendurado na Cruz pode parecer um escândalo, um embaraço, um empecilho, um impedimento e uma loucura total. Mas, o fato é que nem a morte foi capaz de interromper a sabedoria de Deus revelada por meio da cruz e sua ressurreição.

Paulo, em 1 Coríntios (15. 55-57), discorre sobre um acontecimento e evento futuro e como a morte, a lei e o pecado não conseguiram deter o Salvador: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Não há dúvida, para Botelho (2012), que a morte ou expiação de Cristo ocupava o centro da igreja primitiva e a sua pregação fundamentada nela por meio da cruz, visto que o Cristianismo é a religião única que exerce conquista e vitória sobre a morte como principal fundamento. Pois, ela evidencia o cumprimento dos propósitos de Deus. Botelho (2012, p. 75) relata que a realização deste propósito aconteceu antes da fundação do mundo:

Pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos por amor de vós (I Pe 1.19,20). Essa concepção da igreja primitiva é resultado do entendimento que eles tinham do ensino veterotestamentário que, desde Gênesis (3.15), apontava para a promessa da vinda e da morte do salvador. Os profetas deram continuidade na apresentação dessas promessas, por meio do enfoque no descendente davídico. Ele era a Descendência, o Renovo, o Servo, a Pedra, a Raiz, o Leão, etc.

Porque Cristo morreu? Quem foi responsável por sua morte? De acordo com Stott (2006), ele morreu como um criminoso, mas na realidade, vítima de mentes desprezíveis por parte dos que o acusaram e crucificaram, e como um mártir de sua própria grandeza. Assim, “sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mão de iníquos” (At 2.23). Dessa maneira, Stott (2006, p. 63) afirma:

[...] Assim, Pedro atribuiu a morte de Jesus simultaneamente ao plano de Deus e à maldade dos homens. Pois a cruz, que é uma exposição da maldade humana, [...] é ao mesmo tempo a revelação do propósito divino de vencer a maldade humana assim exposta.

Segundo Botelho (2012), os homens são movidos pela ganância, inveja e interesses políticos, motivos que os levaram a entregarem Jesus à morte. Pedro demonstra isso e fala da auto doação de Cristo que foi a própria entrega em favor dos pecadores. Sobre o perdão desses pecados Botelho (2012, p.75-76) ratifica o que Jesus afirmou:

[...] que seu sangue seria derramado para o perdão de pecados (Mt 26.26-28). O sacrifício de Jesus teve o propósito claro de ser substituto ou seja, sua morte foi vicária. Assim a morte de Jesus é absolutamente singular. Não há outra morte como a de Cristo e nem outra morte que permita um paralelo com o sacrifício do cordeiro de Deus. Essa afirmação necessita firmar-se com valor absoluto em nosso pensamento e confissão, pois é nela que encontramos a redenção de nossos pecados.

A morte de Cristo representa a sua missão, descrita no evangelho de João (3.16), “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Stott (2006, p.171) explica:

[...] Se Deus em Cristo não tivesse morrido em nosso lugar, não haveria propiciação, nem redenção, nem justificação, nem reconciliação. Além do mais, todas as imagens tem início no Antigo Testamento, mas são elaboradas e enriquecidas no Novo, particularmente ao serem diretamente relacionadas a Cristo e à sua cruz.

Quanto à ressurreição ou exaltação de Cristo, Botelho (2012) aponta alguns aspectos que a igreja primitiva ou os discípulos exigiam para confirma-la: primeiro, que o fato é inegável, pois há registros históricos de Jesus de Nazaré que nasceu e

viveu na Palestina. Mais de seis mil manuscritos existentes e relatos culturais que ratificam esses fatos.

Outro fato é relatado nas Escrituras, que é o dia e a hora de sua crucificação, refutando a hipótese de desmaio, que alguns críticos afirmam. Mas até Pilatos mostrou-se surpreso com a rapidez de sua morte, que foi confirmada pelos discípulos que afirmaram que saiu sangue e água do lado transpassado de Jesus pela lança do soldado romano (Jo 19. 34-35). Pois se Cristo não estivesse morto jorraria sangue por toda parte a cada batida do coração.

O terceiro indício se constitui na esperança dos discípulos, que ao verem Cristo morrer, teve toda ela dissipada a ponto de sua ousadia ter sido transformada em timidez, a coragem em medo, a força em fraqueza e a valentia em covardia. Esse fato levou o próprio Jesus a surpreender-se, pois atestava a incredulidade deles diante daqueles fatos: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!” (Lc 24.25).

A quarta evidência é que o desânimo e todas as negativas favoráveis para a desistência dos discípulos, foram transformadas em espírito de ousadia. Não foi apenas uma questão aleatória na vida de um discípulo, mas todos começaram a proclamar a ressurreição de Cristo. Botelho (2012, p. 79) relata que eles eram:

[...] cautelosos, céticos e tardios para crer. Assim, concluímos que a fé que manifestou em suas vidas foi resultado daquilo que os seus olhos viram, eles presenciaram a ressurreição de Cristo, portanto, a fé daquelas pessoas baseava-se em fatos concretos e na experiência palpável.

Para Botelho (2012), essa experiência foi tão impactante na vida dos discípulos que, para sustentar o que a suas mentes teriam criado, como sugerem alguns teólogos que “foi a fé na ressurreição que criou o evento da história de que Jesus ressuscitou ou foi o caráter histórico da ressurreição que criou a fé nos discípulos de que Ele ressuscitou” (BOTELHO, 2012, p.79).

A primeira opção nega o caráter histórico da ressurreição, como diz alguns teólogos liberais que seria simplesmente um mito inventado pelos discípulos. Entretanto, seria insensato da parte dos seguidores de Cristo, visto que muitos perderam a vida para sustentar tal ato, é muito mais consistente pensar que o fato histórico da ressurreição foi proferido pelos profetas e resultou na fé dos discípulos (BOTELHO, 2012).

De fato, a ressurreição é um dos pontos da pregação, pois é crucial falar sobre a encarnação, nascimento, morte e ressurreição de Cristo, elementos da vida do Salvador que nos manifesta a esperança futura para a salvação do homem. Essa esperança se sustenta nestes pilares que é o centro da pregação bíblica, pois toda a Escritura aponta e comprova sobre isso: ele entrou no mundo para salvar a humanidade morta “em seus delitos e pecados” pela encarnação e deu-lhe vida nova pela ressurreição de sua própria vida.

2.2 Auto doação de Jesus

O próprio Jesus estava convencido de que seus atos miraculosos apresentavam sua missão como Filho de Deus encarnado. Assim, nos fala Botelho (2012, p. 71): “Ele concordava inteiramente com o povo de que nada semelhante havia jamais sido visto em Israel e que os seus atos ultrapassaram todos os outros realizados pelos homens (Mt 9.33)”.

Jesus não deixa dúvida quanto ao que veio fazer: ele veio para morrer, e morrer por morte de cruz. Por várias vezes ele enfatizou isso aos discípulos. De acordo com Keller (2012 p. 165):

[...] Jesus já havia previsto sua morte por duas vezes: a primeira delas no capítulo 8 do Evangelho de Marcos, depois de Pedro ter dito ‘Tu és o Cristo’ (v.29). E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos líderes religiosos, principais sacerdotes e escribas, fosse morto e depois de três dias ressuscitasse. E ele dizia isso abertamente (Mc 8.31-32).

A cruz não é um evento aleatório na vida de Jesus. Paranaguá (2002) diz que, antes da criação, na pré-história do universo, no laboratório das intenções de Deus, a cruz já estava planejada; além disso, os planos de Deus não podem ser frustrados (Jó 42-2).

O apóstolo Pedro, no seu discurso no dia de Pentecostes, disse: Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos. Atos 2:23. Antes que os homens fossem os feitores, Deus era o autor desta crucificação. Não foram os romanos nem os judeus que projetaram a morte de Jesus. Eles se tornaram meros executores dos intentos de Deus (PARANAGUÁ, 2002, p.23-24).

Desse modo, não necessitamos dizer que Deus estava punindo a Cristo, pois essa entrega foi voluntária. “Assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10.15). Então, ele se entregou voluntariamente em favor dos seus, doando a própria vida, conforme o próprio Jesus disse: “Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai” (Jo 10.18).

O Pai não colocou sobre o Filho uma carga que este não estava disposto a carregar, nem o Filho extraiu do Pai uma salvação que este estava relutante a conceder. Não há em lugar algum do Novo Testamento discórdia entre o Pai e o Filho, quer pelo Filho arrebatando perdão de um Pai indisposto quer pelo Pai exigindo um sacrifício de um Filho indisposto. Não houve relutância de nenhuma parte. Pelo contrário, as vontades deles coincidiram no perfeito sacrifício de amor (STOTT, 2006, p. 158).

A perspectiva de Jesus sobre a sua missão é clara em sua mente. Isso é ratificado nos evangelhos e nas epístolas a partir do conteúdo bíblico. Jesus veio resgatar o que havia perdido, isto é, pagar o resgate em favor da humanidade por meio da cruz. É impossível, para a humanidade, pagar esse resgate; ela precisa de um resgatador, de um salvador. Portanto, o pagamento foi a morte de Cristo na cruz.

2.2.1 O homem precisa do salvador

A humanidade pode até pensar que não precisa de um salvador (*soter*), mas a cruz e o Cristianismo mostram que necessitamos urgentemente e desesperadamente de salvação. É fato que a nossa cultura moderna não aceita esse fato, porém isso não exclui a necessidade do Cristo da cruz.

Nossas melhores obras não são suficientes para satisfazer o preceito divino. Segundo Stott (2006), Agostinho definiu os nossos esforços como “grande depravação”. Sproul (2006, p. 37) explica que: “Nossa alma danificada precisa mais do que um rei humano para ser resgatada da ira de Deus. Precisamos de um remédio mais eficaz. Precisamos de reconciliação. Precisamos da cruz”.

Vejam: a cada geração que passa, o homem parece estar simplesmente ficando melhor. Ora, bons homens não precisam de um salvador; os miseráveis é que precisam. Quando você retira do homem toda a escuridão

que há dentro dele, você retira a glória do evangelho que existe para iluminá-lo. (WASHER, 2007, p.44-45).

No Antigo Testamento, o povo deixava a vontade de Deus em segundo plano desviando-se de seu propósito; isso acontece nos dias atuais, quando o povo quer servir ao Senhor de acordo com seus planos, suas condições e seus interesses particulares (GRAHAM, 1968).

De acordo com Stott (2006), a cruz de Cristo é o único fundamento segundo o evangelho sobre o qual Deus perdoa pecados, através do sangue de Jesus, purificando o homem pecador. O que Deus fez em Cristo por meio da cruz é salvar-nos, revelar-se a si mesmo e vencer o mal.

Surge o pano de fundo essencial da cruz, que mostra a gravidade do pecado e a majestade de Deus. Então, os homens compreenderam a necessidade e como a cruz de Cristo possui caráter moral e como os seres humanos são responsáveis por seus atos (STOTT, 2006).

Quando [...] tivermos um vislumbre da deslumbrante glória da santidade divina, e formos convencidos de nosso pecado pelo Espírito Santo de tal modo que tremamos na presença de Deus e reconheçamos o que somos, a saber, pecadores que merecem ir para o inferno, então, e somente então a necessidade da cruz ficará tão óbvia que nos espantaremos de jamais tê-la visto antes. (STOTT, 2006, p. 113).

Portanto, podemos dizer que somos salvos mediante a cruz de Cristo; não há como desassociar o Cristo da cruz e a cruz de Cristo (MATOS, 2008). Verdadeiramente, Jesus levou sobre si os nossos pecados e nos justificou através de seu sofrimento e morte de cruz, nos libertou para sermos herdeiros da promessa de salvação.

Cada ser humano precisa ser salvo de Deus. A última coisa no mundo que um pecador impenitente desejaria encontrar do outro lado da sepultura é Deus. Mas a glória do evangelho é que aquele de quem precisamos ser salvos é exatamente aquele que nos salva. Ao nos salvar, Deus nos salva de si mesmo (SPROUL, 2006, p. 26).

Assim, o que podemos fazer? Segundo Stott (2006), ao desejamos ser perdoados, temos que pagar o que devemos. Entretanto, não somos capazes de pagar, nem por nós ou por outras pessoas. O nosso sacrifício, obediência e boas

obras, necessariamente, não podem satisfazer a nossos pecados. Como podemos salvar a nós mesmos visto que o pecado é requerido de nós de qualquer modo?

Qualquer ser humano que quiser salvar a si mesmo ou a outros não consegue, pois como um pecador pode justificar outro? Como expressou B. F. Westcott: “[...] superficialmente nada parece mais simples que o pecado” mas “[...] se examinarmos mais profundamente nada é mais misterioso e mais difícil” (WESTCOTT, apud STOTT, 2006, p. 113).

Muitos nutrem a ideia que, para tornar-se aceitável perante Deus, no dia do juízo, é necessário esforçar-se muito e ser, no fundo, pessoas boas. Ao perguntar às pessoas se são pecadoras, quase todas admitem ser e dizem “ninguém é perfeito”. Ser um pecador não é uma questão muito grave. Pois, “errar é humano, e perdoar é divino”. Esse pressuposto parece dizer que Deus tem a obrigação de nos perdoar.

A incoerência em Deus é impossível, pois como negará a si mesmo? Como nos diz Botelho (2012, p.47): “A certeza que o ser humano pode ter de ser aceito por Deus e de permanecer em sua presença sem ser destruído, somente é alcançada por meio da realização do que Jesus executou em sua obra na cruz”.

2.3 O significado da cruz

O Cristianismo tem várias ramificações doutrinárias que podem ser percebidas por meio da teologia sistemática, que se dividem em várias seções, tais como a própria teologia, o estudo sobre Deus mesmo; a pneumatologia, o estudo da pessoa e obra do Espírito Santo; a soteriologia, o estudo da salvação, e assim por diante.

E uma das seções mais importantes da teologia é a Cristologia: o estudo da pessoa e da obra de Cristo. Quando desejarmos obter informações sobre o que podemos chamar de cerne do assunto da pessoa e obra de Jesus, imediatamente pensamos na cruz, que a simboliza. Quanto ao seu sentido, Sproul Jr. (2013, p. 10) diz que: “[...] o conceito cruz está no centro e âmago do Cristianismo bíblico. Em um sentido bem real, a cruz dá uma forma definitiva à essência do ministério de Jesus”.

A cruz de Cristo é o centro da fé cristã. De modo que os cristãos evangélicos creem que, em Cristo e através do Cristo crucificado, Deus nos substituiu por si mesmo e levou os nossos pecados. Conforme relatado em Isaías 53. 4-5:

Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

De acordo com Stott (2006), a impopularidade da doutrina e os poucos livros sérios escritos sobre o assunto da morte de Cristo apresentam-na como vicária, redentora, reconciliadora, expiatória, sacrificial ou representativa, mas hesitam em dizer que ela é substitutiva. No entanto, a doutrina bíblica da expiação é substitutiva do princípio ao fim. Anglada (2006 p. 179) explicita que:

Cristo é a chave para interpretação da Bíblia, porquanto toda ela, inclusive o Antigo Testamento, se refere a ele, se concentra nele e dá testemunho dele. O Antigo e o Novo Testamento apresentam dois atos de uma mesma história escrita por Deus, que tem Cristo como principal protagonista. Dificilmente se pode compreender o significado de uma cena dessa história ou o lugar de outros protagonistas ou antagonistas, interpretando-os à parte dos seus lugares e papéis no enredo e das suas relações com o protagonista principal.

O princípio cristológico se constitui na unidade das Escrituras, como atos redentivos¹⁰ de Deus em Cristo. Toda a narrativa e o conteúdo bíblico não foram selecionados aleatoriamente com parâmetros políticos, econômicos, ideológicos ou sociais. Mas, sim, na história de Deus e a sua realização do plano de redenção por meio de Cristo (ANGLADA, 2006).

São vários os textos do Antigo Testamento que apontam para a pessoa e obra de Cristo, em caráter tipológico. Embora sem aprofundamento sobre esse assunto, não deve ser confundida alegoria¹¹ com tipologia; tipologia é o modo bíblico de compreensão histórica. Esse conceito histórico, no qual Deus revela acontecimentos futuros por meio de eventos passados, tem como foco os tipos bíblicos da pessoa e obra de Cristo. Anglada (2006, p. 183) explica que:

O grau de tipologia reconhecido no Antigo Testamento depende do conceito de tipo que se sustenta. De modo geral, entretanto, a ideia de que existem, no Antigo Testamento, pessoas, instituições, objetos e eventos históricos que prefiguram Cristo e sua obra redentora é amplamente aceita por evangélicos, protestantes, reformados e reformadores. Evidentemente, esse foco

¹⁰ “[...] Deus sinceramente oferece a salvação a todos, mas todos nós estamos tão acomodados em nossos pecados que não responderemos positivamente a não ser que recebamos auxílio para isso” (ERICKSON, 2015, p.898).

¹¹ É uma metáfora ampliada, aonde a comparação não vem expressa e todo o mais se entrelaça: a história e seu significado, a história e a sua aplicação e traz em seu conteúdo a própria interpretação. Dando um significado que o autor do texto não tencionou, deixando assim, o seu real propósito de lado.

cristológico dos tipos bíblicos auxilia o intérprete a compreender a relação de muitas passagens com a pessoa e obra de Cristo.

Segundo Anglada (2006, p. 185), algumas dessas passagens tipológicas devem ser interpretadas à luz da sua relação com os ofícios de Cristo. Em contraste com o Antigo Testamento podem ajudar a interpretar as passagens cristologicamente:

Cristo é o novo homem (prefigurado em Adão), o filho de Abraão (como Isaque), o herdeiro da promessa (à semelhança de Jacó), a bênção de Israel (como José), o grande libertador (tipificado em Moisés), o guerreiro da aliança (prefigurado em Josué e nos juízes), o rei vitorioso (tipificado em Davi), o príncipe da paz (como Salomão), o sacerdote eterno (à semelhança de Arão) e o profeta final (a exemplo dos profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel e os demais profetas).

Nessa perspectiva de substituição, Stott (2006 p. 7) explicita que, no futuro histórico, “[...] Deus nos substituiu por si mesmo e levou os nossos pecados, morrendo em nosso lugar a morte que merecíamos morrer, a fim de que pudéssemos ser restaurados em favor e adotados em sua família”. Esse entendimento subjaz à pregação bíblica.

Contudo, a pregação, no contexto religioso no qual vivemos, está, não totalmente, mas em partes, voltada para o eu, e cada qual procura, de certa forma, falar de seus próprios sentimentos e coloca suas próprias conclusões; portanto, a mensagem verdadeiramente cristocêntrica, com efeitos apelativos¹², tem sido cada vez mais escassa. Embora esse egocentrismo esteja entranhado nos nossos ouvidos, é certo que as exceções têm feito o seu papel.

Uma dessas exceções é apresentada por Matos (2008, p. 23), por meio do caso de Martyn Lloyd-Jones: “O Dr. Martyn Lloyd-Jones deu testemunho de uma mudança fundamental ocorrida em sua perspectiva e pregação no que diz respeito à cruz e à obra de Cristo (1929)”. Stott (2006, p. 8), assim como Matos (2008), fala sobre como essa mudança aconteceu: “Lloyd-Jones, após um período de reclusão em busca do significado interior da fé cristã, concluiu que a questão básica não era a pergunta de Anselmo¹³: porque Deus se tornou homem? Mas: por que Cristo morreu?”.

¹² Que visa confrontar o pecado, chamando o homem ao arrependimento dos seus pecados, e apresentando quem tem poder para perdoar, conforme anunciou João Batista: “[...] Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29).

¹³ Anselmo de Cantuária, teólogo, filósofo e monge, é apontado como o fundador do escolasticismo. Nascido em Aosta, Itália (SAWYER, 2009).

Segundo Sawyer (2009), Anselmo (1033-1109) tornou-se abade no monastério beneditino de Bec¹⁴, foi canonizado em 1163 e declarado doutor da igreja em 1720. Exerceu enorme influência sobre a teologia ocidental e é conhecido por ter criado o argumento ontológico¹⁵ para comprovar a existência de Deus e a visão da satisfação¹⁶, o homem tem para com Deus, um débito de obediência. Débito esse que o homem não obteve êxito, Sawyer (2009, p. 521) descreve que:

[...] O homem fracassou em render a Deus a obediência que lhe é devida e, assim, ofendeu a honra divina. Embora o homem tenha a obrigação de reparar esse débito, ele não possui a capacidade de reparar a honra da qual Deus foi defraudado, porque o homem incorre diariamente num grande débito de obediência.

Embora esse capítulo não seja sobre pregação, é esta que proclama a cruz. Isso porque sua necessidade é gritante nos dias hodiernos. De acordo com Botelho (2012), essa é uma tarefa crucial da igreja, anunciar o que recebemos de Jesus Cristo, as boas novas da salvação: Jesus veio ao mundo, morreu pelos nossos pecados e ressuscitou cumprindo a sua Palavra.

Botelho (2012, p.15) explica que: “[...] no evangelho, Deus proclama o seu amor ao mundo, revela clara e plenamente o único caminho da salvação. Jesus Cristo comissionou pessoas para ir por todo o mundo, ensinando a todas as pessoas de todas as nações”.

Para Stott (2006), a cruz encontra-se não no ato da expiação objetiva, posição defendida por Anselmo que enfatizava a satisfação objetiva a honra de Deus (que foi defraudada pelo homem ao pecar), a qual havia sido paga pelo Deus-homem Jesus e que a sua morte foi uma satisfação objetiva pelo pecado. E nem na sua inspiração subjetiva posição defendida por Abelardo que ensinava que a eficácia da morte de Cristo era profundamente subjetiva na influência moral que exerce em nós. Conforme explica Stott (2006, p. 226) sobre a tentativa de difundir essas duas teorias:

¹⁴ Bec era um monastério beneditino, no noroeste da França. Bec veio a ser uma escola importante de filosofia e teologia, por influência da reputação de Anselmo (SAWYER, 2009).

¹⁵ Anselmo argumentando que, se o homem finito concebe um ser perfeito e um dos atributos da perfeição é a existência, então, a existência de Deus através da ideia de que Ele é obrigatoriamente um ser perfeito e, portanto, implica na sua existência (SAWYER, 2009).

¹⁶ “A resposta a esse dilema é a escarnação, que traz ao mesmo tempo e numa só pessoa os recursos para satisfazer a honra ofendida de Deus (que vem da divindade de Cristo) e a obrigação de reparar o que foi roubado (que vem da humanidade de Cristo). A teoria da satisfação de Anselmo representou um avanço no pensamento popular na Igreja antiga do *Christus victor*” (SAWYER, 2015, p.521-522).

Portanto, não devemos permitir que Anselmo e Abelardo ocupem polos opostos. Em termos gerais, Anselmo tinha razão em entender a cruz como uma satisfação pelo pecado, mas devia ter dado mais ênfase ao amor de Deus. Abelardo tinha razão em ver a cruz como uma manifestação de amor, mas estava errado em negar o que Anselmo afirmava. Anselmo e Abelardo precisam do testemunho positivo um do outro, o primeiro à justiça de Deus e o segundo ao seu amor. Pois foi precisamente ao dar uma satisfação justa ao pecado que aconteceu a manifestação de amor.

A cruz se revela na justiça de Deus e em atos morais para o ser humano; assim Keller (2012 p.17) explica:

[...] confio que você achará a pessoa de Jesus digna de sua atenção: imprevisível, embora confiável; gentil, embora poderosa; dotada de autoridade, embora humilde; humana, mas também divina. Insisto para que você pondere seriamente sobre o significado da vida de Jesus em sua própria vida.

“Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10. 45). Esse pagamento para nos libertar e resgatar nada menos é do que a própria vida do Messias. Assim, Cristo tira de nós o direito de morrer e a nossa vida é confiscada; e a dele é sacrificada (STOTT, 2006).

Por esse motivo, a teologia ortodoxa tem evidenciado, no decorrer dos séculos, que a cruz de Cristo é parte essencial do Cristianismo, essencial no sentido de que se a tirarmos, o Cristianismo não existirá. Se retirarmos a cruz do Cristianismo como ato de expiação, nós o aniquilamos (SPROUL JR, 2013). Então, Deus se revela na cruz fielmente, pois não pode negar a sua essência e caráter de um Deus reto, justo e santo. “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co. 5. 21).

Assim, a abordagem de Lutero é, desse modo, relevante não só referente a doutrina da justificação, mas incluso com a pergunta sobre como os atributos de Deus devem ser vistos e compreendidos. Conforme McGrath (2014), isso nos leva a crer que a teologia da cruz de Lutero não deve ser separada da sua descoberta inicial sobre a justiça de Deus. A doutrina da justificação pela fé e sua teologia da cruz são oriundas e paralelas da mesma causa teológica.

A cruz tem atribuição dupla na teologia cristã, pois aponta para o significado da crucificação histórica de Jesus Cristo e o que ela realizou em favor dos crentes, bem como simboliza uma realidade na vida de cada crente (MATOS, 2008). Essa realidade vivenciada pelos cristãos foi enfatizada por Lutero. McGrath (2014, p. 206) demonstra:

Segundo Lutero, a cruz precisa ter a liberdade de determinar sua própria estrutura conceitual. A teologia começa ao pé da cruz; ela não começa em algum lugar qualquer para, então, integrar a cruz às suas categorias predeterminadas. Mais importante ainda: a teologia da glória procede priorizando o racional – aquilo com o que a mente humana sabe lidar. Enquanto uma teologia da glória depende da capacidade humana de entender, a teologia da cruz depende da capacidade humana de perceber – de observar o que está acontecendo e de refletir sobre seu significado mais profundo, embora não possa compreendê-lo completamente. Uma teologia da cruz dá prioridade àquilo que é vivenciado. Como Lutero expressou em seu ditado famoso: Apenas a experiência faz um teólogo. A observação empírica da cruz está acima da especulação teórica; caso contrário, a cruz é traduzida em ideias abstratas, perdendo, assim, seu profundo poder visual e simbólico.

Portanto, o sentido da cruz não está em Deus se entregar porque somos ou seremos bons, mas em se doar voluntariamente pelo seu caráter, justiça e retidão. Quando entendemos isso os nossos atos são convertidos em ações que glorifiquem o Cristo da cruz. A doação de Deus consiste na doação do Filho, Jesus Cristo, em favor do homem.

No próximo capítulo trataremos da questão de como a cruz de Cristo tem sido anunciada pelas igrejas na atualidade. Como esta mensagem anunciada pelos pregadores chega aos ouvintes, na igreja em que a modernidade chegou e os preceitos da Palavra de Deus, que é imutável, sofrem grandes influências por parte da cultura moderna.

3 A CRUZ E A PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Esse capítulo visa demonstrar como é urgente a necessidade da pregação autêntica, em que a cruz é exaltada, pois a renúncia de si mesmo foi revelada na cruz. Conforme vimos no capítulo anterior, o próprio Jesus se doou por amor à humanidade, ao fazer a vontade do Pai que também foi a Sua vontade testificada pelo Espírito e anunciada por meio da pregação.

Este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo; não somente com água, mas também com a água e com o sangue. E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito (1 Jo 5. 6-8).

Segundo Piper (2003), a restauração da cosmovisão cristocêntrica que proclama uma mensagem do Deus trino pelos arautos do Rei é motivo de alegria e profunda gratidão a Deus, por se revelar a nós por meio de Cristo na cruz e em sua Palavra.

Atualmente as mensagens, não em um todo, mas em um número expressivo, vêm entranhadas de e centradas em autoajuda voltada para o homem. Isso excluindo a cruz e sua centralidade; essa pregação, quando vista à luz da mensagem da cruz exposta no capítulo anterior, é antropocêntrica em seu conteúdo, objetivo e consequências. Essa marca pode ser notada nas redes midiáticas e nos louvores triunfalistas antropocêntricos que são difundidos por meios de cânticos. O compromisso com a Palavra, que demostre o alvo de Deus por parte do mensageiro, é de suma importância.

A tarefa do pregador cristão não é dar ao povo conselhos moralistas ou psicológicos sobre como se dar bem no mundo. Qualquer outra pessoa pode fazer isto. Mas a maioria de nosso povo não tem ninguém no mundo que lhes fale, semana após semana, sobre a suprema beleza e majestade de Deus (PIPER 2003, p. 11-12).

Botelho (2012) diz como isso deve ser feito, resistindo assim à tentação do antropocentrismo. Segundo ele, há um modo de demonstrar uma ligação entre o Jesus

histórico¹⁷ (não é aquele Jesus apresentado pela teologia liberal, mas tão somente aquele nasceu, viveu e morreu em um determinado ponto da história) e as pessoas nos dias atuais: e esse modo é a pregação de Cristo que é anunciada através da mensagem pela igreja que é a presença de Jesus para o mundo atual, visto que ela é o corpo de Cristo.

3.1 O estado atual da pregação

Para uma análise da pregação na atualidade, usaremos Piper (2003, p.19) como referencial teórico, porque ele enumera os pontos necessários para que uma pregação seja, de fato, cristocêntrica, isto é, pregação da cruz:

Pois o alvo de Deus é glorificar a si mesmo e não o pregador. Isto nos leva ao tema principal: a supremacia de Deus na pregação. Seu esboço é intencionalmente trinitariano: O alvo da pregação: *a glória de Deus*; A base da pregação: *a cruz de Cristo*; O dom da pregação: *o poder do Espírito Santo*.

Quanto à pregação a ser analisada, usaremos os dados da *pesquisa*, aquela que foi objeto de trabalho de campo desenvolvido pelos acadêmicos do curso de Bacharelado em Teologia na disciplina de *Homilética I: Princípios bíblicos para a pregação cristã*, realizada em 2015 . Segundo Minayo (1994, p. 17), *pesquisa* é:

[...] a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação.

A pesquisa proposta foi embasada no projeto que está vinculado à Faculdade¹⁸, cujo título é *Projeto de Ensino em Homilética I: Pressupostos, princípios e práticas de pregação em igrejas evangélicas na cidade de Goiânia e região metropolitana*, sob a orientação da professora mestra Lázara Divina Coelho, no segundo semestre 2015.

¹⁷ “Referência a Jesus como ser humano, figura histórica que pode ser estudada com as ferramentas da pesquisa histórica. Muitas buscas pelo “Jesus histórico” ocorreram na segunda metade do século XIX, especialmente por alemães racionalistas estudiosos do NT. A primeira busca foi decretada um fracasso por Albert Schweitzer, no início do século XX. A segunda busca foi baseada na obra de Rudolf Bultmann, e a terceira, inaugurada por Ernst Kasemann” (SAWYER, 2009, p.622).

¹⁸ Faculdade Assembleiana do Brasil situada na Rua Florianópolis, QD 11 LT 06 Setor Vila Paraíso / Fama – CEP 74.553-530 Goiânia-GO. Site: www.faculdadeassembleiana.com.br

Segundo esse projeto, a pesquisa poderia oferecer subsídios para futuras pesquisas e/ou para trabalhos acadêmicos, como é o caso deste TCC.

O método de realização adotado foi a pesquisa de campo definida por Minayo (1994, p. 53) como: “[...] o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”.

Seguida de análise e produção de texto acadêmico-científico, a pesquisa e seu respectivo relatório foram desenvolvidos pelos alunos matriculados na turma, os quais, após as aulas teóricas, foram a campo munidos de questionários previamente elaborados, para a sua aplicação, o que se deu no período de 25/10 a 29/11/2015.

A pesquisa teve, como foco, a prática da pregação protestante na região metropolitana de Goiânia, nas igrejas evangélicas de linha teológica Histórica (Batista e Presbiteriana), Pentecostal¹⁹ (Assembleia de Deus) e Neopentecostal (Fonte da Vida e Videira), pois o propósito era visitar igrejas de cada uma das principais linhas teológicas então conhecidas. Seu objetivo foi identificar o lugar da pregação bíblica na atualidade e investigar a possível perda da centralidade da pessoa de Cristo, simbolizada pela cruz, e do poder da pregação na igreja. Coelho (2015, p. 8) discorre sobre como a pregação bíblica e centrada nas Escrituras tem caminhado por outro viés:

A pregação bíblica tem perdido seu lugar para outras atividades eclesiais de forma que o tempo que lhe é dedicado tem diminuído na Igreja cristã evangélica no Brasil e o interesse por ela tem sido substituído pelo interesse por outras atividades como a música, os testemunhos pessoais e formas artísticas diversas de apresentação da mensagem. A causa para isso é bastante variada: a liberação intelectual ocidental e o consequente desinteresse pela verdade objetiva; a secularização da sociedade e o consequente afastamento do Cristianismo das Escrituras Sagradas; e, finalmente, a própria corrupção da pregação e a consequente reação adversa. A solução, para isso, encontra-se no retorno à pregação bíblica, em termos de alvo, de base e de dom, de tal forma que Deus, revelado nas Escrituras, seja trazido de volta à supremacia nessa área.

A realização da pesquisa foi embasada nas perspectivas teóricas de John Piper e John Stott através das obras literárias: *A supremacia de Deus na pregação*, publicada por John Piper (2003); e *Eu creio na pregação*, de John Stott (2003).

¹⁹ Para uma melhor compreensão do movimento pentecostal, ver *A historiografia do mito de origens do movimento pentecostal moderno*, autor Reginaldo Cruz Ferreira. FAIFA- Faculdade da Igreja Ministério Fama; Goiânia, 2015.

Para esses autores, a pregação deve fundamentar o sermão em três áreas fundamentais, que se encontram postos na Trindade: o alvo da pregação: a glória de Deus; a base da pregação: a cruz de Cristo; o dom da pregação: a presença e direção do Espírito Santo. Este trabalho tem seu foco na base da pregação, que é a cruz de Cristo.

Com base no questionário fornecido aos pesquisadores, com as seguintes perguntas: Alvo do sermão: Ficou claro se esse alvo glorifica a Deus? Como? A base do Sermão ficou claro se essa base glorifica a Deus? Como? O dom da pregação: A dependência do Espírito Santo na confiança no texto sagrado como inspirado pelo Espírito, na interpretação do texto e na entrega do sermão ficaram claros durante a entrega do sermão? Com a observação do tempo dedicado à pregação, buscava-se identificar a prioridade dada à pregação em relação aos demais elementos do culto, como a música, os avisos, o teatro etc.. Está análise vêm dos próprios pesquisadores, que contribuíram para a pesquisa, junto com o autor que está revisando para sua inserção neste trabalho.

A decisão pelo público-alvo da pesquisa de campo, realizada em 2015, foi baseada em alguns teóricos das ciências da religião que estudaram as divisões do Protestantismo e as nomearam dentro das categorias de grandes ondas. O pioneiro nessa classificação foi David Martin que, estudando a explosão protestante latino-americana, em 1990 escreveu e publicou um livro²⁰ no qual distinguiu três grandes ondas por afinidade teológica na América Latina: a puritana, a metodista e a pentecostal. Três anos depois (1993) foi a vez de Paul Freston aplicar a ideia das grandes ondas às diferentes manifestações do pentecostalismo, em estudo feito em sua tese de doutoramento em Ciências da Religião, publicada²¹ sobre o movimento

²⁰ MARTIN, David. *Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990. Esse livro não foi publicado em língua portuguesa.

²¹ FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado pela Unicamp (sociologia). Campinas, SP, 1993.

pentecostal brasileiro: o pentecostalismo clássico,²² o pentecostalismo neoclássico²³ e o neopentecostalismo²⁴ (MARIANO, 2005).

Nessa perspectiva, a classificação foi adotada com elementos dos dois estudiosos e algumas adaptações: de David Martin, a divisão do Protestantismo; e de Paul Freston, a nomenclatura pentecostal em suas primeira e terceira manifestações: pentecostalismo e neopentecostalismo. Além disso, como a pesquisa deveria contemplar os três grupos mais evidentes na década de 2015 na cidade de Goiânia, a pesquisa desenvolvida fez a seguinte opção: do protestantismo histórico, criado a partir da Reforma Protestante do séc. XVI, as igrejas *históricas*; e do pentecostalismo, dois grupos identificados por Freston: as igrejas *pentecostais*, dentro dos limites do pentecostalismo clássico e as igrejas *neopentecostais*, nos limites do neopentecostalismo.

Nas igrejas identificadas como *históricas*, foram visitados dois cultos em busca de subsídios para a pesquisa: um em uma Igreja Batista e o outro em uma Igreja Presbiteriana. Na *igreja histórica* pesquisada, de tradição batista,²⁵ os alunos-pesquisadores²⁶ relataram que o tempo médio do culto foi de 1h 30 minutos, dos quais 57 minutos foram dedicados à pregação. Na liturgia, houve a leitura da Palavra, cânticos, oração e grupo de louvor. O texto foi lido com o público em Lucas (9.23): “Dizia [Jesus] a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me”. O pregador entregou a mensagem enfatizando que seguir a Jesus não é tão fácil como muitos pregam hoje em dia, com bênçãos materiais e nenhuma dor ou enfermidade; que seguir a Jesus requer renúncia, entrega e

²² “A primeira onda, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911).” (MATOS, 2006, p. 38).

²³ “A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas voltadas de modo especial para a cura divina.” (MATOS, 2006, p. 39).

²⁴ “A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80, com o surgimento das igrejas denominadas “neopentecostais”, com sua forte ênfase na teologia da prosperidade. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Paz e Vida, Comunidades Evangélicas e muitas outras. (MATOS, 2006, p. 39)”.

²⁵ Essa pesquisa foi realizada no dia 25/10/2015 na *Igreja Batista Verdade e Vida*, situada na Rua Arthur de Azevedo QD. 91 LT 13, bairro Cidade Satélite São Luiz, em Aparecida de Goiânia-GO.

²⁶ Segue-se o nome dos alunos que fizeram essa pesquisa, em ordem alfabética: Allan Santos de Araújo, Antônio José Pereira, Ely Nunes de Jesus, Fabiano F. Leite Guimarães, Ivani Alves dos Santos, Luiz Fernando Vilela e Nazira da Silva Cunha.

desprendimento de si mesmo. “Passamos por situações difíceis”, disse ele, “[...] porém temos sua paz e sua maravilhosa presença em todos os momentos. Pois, Cristo disse que estaria conosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 6)

Sobre o sermão distinguido acima, a análise é que a mensagem foi cristocêntrica, pois o alvo foi a glória de Deus e a base do sermão foi norteadada pela cruz de Cristo. Essa pregação esclareceu que a verdadeira cruz leva o cristão a se arrepender e compreender que sem ela não há salvação e conhecimento das Sagradas Escrituras. Que, através do Espírito Santo, o homem consegue entender quanto amor e perdão foram derramados nele por amor à humanidade (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 12).

Na pregação, o alvo do sermão foi a glória de Deus, a base do sermão foi Cristo e o dom da pregação foi a dependência do Espírito Santo na exposição e ação da Palavra. Tempo médio da pregação: 57 minutos (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 12).

Em outra *igreja histórica* (Presbiteriana) pesquisada, de tradição presbiteriana,²⁷ os alunos-pesquisadores²⁸ relataram os seguintes resultados de sua observação: o tempo médio do culto foi de 1h e 45 minutos, dos quais 59 minutos foram dedicados a pregação. Na liturgia houve a leitura da Palavra, oração e grupo de louvor, o texto foi lido em 1 Coríntios (1. 18-25):

Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Na pregação foi dito que todo cristão associa a cruz de Cristo exatamente com o conceito de pecado. Se não fôssemos pecadores não haveria necessidade do

²⁷ A Pesquisa foi realizada no dia 01/11/2015 na Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia, situada na Rua 68 c/Rua 71, St. Central, Goiânia-GO.

²⁸ Segue-se o nome dos alunos que fizeram essa pesquisa, em ordem alfabética: Jhonatham Alves Lima, Jusley Kariny Rodrigues, Maria Cirlene Rodrigues da Silva, Mayara Ferraz da Silva, Paula Rudmila de Jesus, Ricardo Gomes Oliveira e Wilma Arcanjo Damasceno Machado.

sacrifício da cruz, pois se não houvesse ela, toda a pregação seria vã. Não há ensinamentos no Novo Testamento que dê base para usarmos a cruz como instrumento simbólico (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 5).

Pois a cruz foi apenas um instrumento para execução do Filho de Deus. Que nos tempos de Jesus era usada para execução de prisioneiros políticos, e criminosos conhecidos, que eram julgados e condenados pelo pior tipo de morte, que havia naquela época (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 5).

O papel da cruz, no Novo Testamento, representa: primeiro, os nossos pecados porque Jesus veio por causa deles, para aniquilar a sabedoria humana, a sabedoria de Deus se revela nela com sua maneira sábia de redenção por aqueles que são seus, resolvendo, assim, o problema do pecado. A cruz também é vista como maldição de Jesus, quando morreu nela, se tornou maldito no nosso lugar. Consequentemente, ela também é vista como símbolo da auto doação, para o homem crucificando o eu e negando a si mesmo, como o próprio Cristo fez pelos seus (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 6).

Ela é vista também como o juízo de Deus sobre o orgulho humano, para isso é necessário crer e confiar em um carpinteiro morto em uma cruz que era vergonhosa, pois era instrumento para crucificar criminosos. A razão de Paulo dizer que não se envergonha do Evangelho, e por fim a cruz revela e demonstra o amor de Deus pelo ser humano (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 6).

Sobre o sermão distinguido acima, a análise é que a mensagem foi cristocêntrica, na pregação houve a leitura do texto bíblico, a pregação foi expositiva, o alvo do sermão ficou claro que foi a glória de Deus, a base do sermão foi a cruz de Cristo e o dom da pregação foi a dependência do Espírito Santo na exposição e ação da Palavra para os eleitos (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 11).

Nas igrejas conhecidas como *pentecostais*, foram visitados dois cultos em busca de subsídios para a pesquisa, ambos em igrejas Assembleia de Deus. Na igreja *pentecostal*, de tradição *assembleiana* (Assembleia de Deus),²⁹ os alunos-pesquisadores do Grupo 2, acima nomeados, trouxeram as seguintes informações: na liturgia houve oração, três hinos da Harpa Cristã, leitura da Palavra, cânticos, testemunho, saudação, louvores, oração e grupo de louvor em 2 horas aproximadas

²⁹ A Pesquisa foi realizada no dia 08/11/2015 na igreja Assembleia de Deus Campo de Campinas Goiânia, Rua Rodrigues Alves setor Parque Industrial João Braz, Goiânia-GO.

de culto, 35 minutos dedicados à pregação da Bíblia. O texto lido foi em Filipenses (2. 5-11):

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

A mensagem foi exposta de forma aplicada, de modo que a renúncia do pecado no dia a dia demonstre e glorifique a Deus. Portanto lhe foi dado poder e toda língua confessará o Senhor. Assim, toda língua passará por essa confissão quer queira quer não, e o cristão que busca semelhança com esse Deus confessará em seus atos e ações. O título do sermão foi informado à comunidade. O sermão foi de fácil compreensão para os membros local e coerente com a identidade do sermão (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 7).

Sobre o sermão distinguido acima, a análise é que na pregação houve a leitura do texto bíblico, a pregação foi cristocêntrica, o alvo foi a glória de Deus e a base do sermão foi a cruz de Cristo em uma vida que demonstre arrependimento e renúncia para servir a Deus, renúncia essa que o Espírito Santo concede aos corações daqueles que anseiam por Cristo. Pois, o próprio Deus na pessoa de Cristo se abdicou do trono de glória por amor a humanidade, então é necessária uma vida que o glorifique (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 12).

Na pregação o tempo usado para o sermão foi incoerente com o tempo do culto, pois, para 2 horas aproximadas de culto, apenas 35 minutos dedicados à pregação da Bíblia (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 12).

Na segunda igreja *pentecostal* pesquisada, de tradição *assembleiana*,³⁰ os alunos-pesquisadores do Grupo 1, já nomeados, trouxeram o seguinte relato: na liturgia do culto houve louvor, oração, apresentação, testemunho, ofertas e a Palavra. Na pregação o tempo usado para o sermão foi 40 minutos dedicados à pregação da

³⁰ A Pesquisa foi realizada no dia 15/11/2015 na igreja Assembleia de Deus Tenda dos Milagres Av. Jovem Marcílio, qd. C, lt. 26 - Residencial Gentil Meireles, na cidade de Goiânia-GO.

Bíblia do tempo total de 1h e 30 minutos de culto (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 8).

O texto foi lido em Salmo (78. 1-8):

Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do SENHOR, e o seu poder, e as maravilhas que fez. Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos; e que não fossem, como seus pais, geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante, e cujo espírito não foi fiel a Deus.

Na pregação da mensagem, o pregador trouxe explicações a respeito de que toda herança recebida por um filho é legitimamente dele, e que ninguém pode lhe tirar por meios legais. E no que se refere a essa vida, entendemos que nem todo mundo é recebedor de uma herança, entretanto, muita gente recebe na divisão dos bens familiares alguma coisa, como por exemplo: uma casa, terreno, empresa, etc.. Mas, no sentido espiritual, é diferente. Todo ser humano tem direito a herança da parte de Deus nessa terra basta decretar (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 8).

Sobre o sermão distinguido acima, a análise é que na pregação houve a leitura do texto bíblico, o texto escolhido não ficou muito coerente pelo que foi entregue na Igreja, pois a pregação foi discorrida sobre herança familiar e como determinar sua vitória e o texto é uma lição sobre a fé baseada na história das obras de Deus. Ele traça a história de Israel, do Egito ao reinado de Salomão, frisando a importância de lembrar-se das coisas feitas no passado para transmitir aos descendentes a mensagem da grandeza e da fidelidade de Deus (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 13).

O texto base lido e apresentado não glorificou a Deus, visto que o foco da mensagem foi a felicidade humana e como Deus pode nos abençoar agora. Então, a mensagem foi antropocêntrica, não demonstrou a supremacia de Deus na pregação. (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 13).

Nas igrejas conhecidas como *neopentecostais*, foram visitados dois cultos em busca de subsídios para a pesquisa, sendo um na Igreja Fonte da Vida e outro na Igreja Videira. Na igreja *neopentecostal* denominada Fonte da Vida,³¹ os alunos-

³¹ A Pesquisa foi realizada no dia 22/11/2015 na Igreja Fonte da Vida situada na Av. Paranaíba nº. 623 Centro, Goiânia-GO.

pesquisadores do Grupo 2, acima nomeados, trouxeram as seguintes informações: o tempo médio do culto foi de 2 horas e 45 minutos destinados para a Palavra . Na liturgia houve louvor, avisos, oração, palavra de oferta, avisos e Palavra (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 8). O texto lido foi Mateus (28. 17-19):

Assim que o viram, prostraram-se e o adoraram, mas alguns ficaram em dúvida. Então, Jesus aproximando-se deles lhes assegurou: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

O pregador expos a mensagem, mostrando que a confiança em Deus resultava nas bênçãos financeiras, pois Cristo já tinha pagado esse preço na cruz, e dessa forma deu autoridade para o homem nesta terra. E tudo o que ele quiser e desejar será possível, pois Deus ama tanto o ser humano, que morreu na cruz por causa do seu valor (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 9).

Sobre o sermão pregado acima, a análise é que na pregação não houve exposição de maneira fiel, o texto fala da grande comissão que Jesus deixou aos discípulos e conseqüentemente a nós na atualidade. A pregação veio de encontro ao homem e seus desejos nesta terra, uma mensagem de autoajuda antropocêntrica. Que não glorifica a Deus, e nem tem a cruz como renúncia, auto doação e entrega a Deus por amor ao que ele fez por nós. E sim o valor que supostamente temos, porque Deus deixou o trono de glória e se não bastasse ainda nos deu poder para fazer o que quisermos (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 14).

Na pregação houve a leitura do texto bíblico, mas não houve coerência com o texto lido e a mensagem pregada. Não glorificou a Deus e nem exaltou a cruz, pois a mensagem foi convertida em atos de Deus para abençoar o homem, o antropocentrismo foi o foco da pregação (RELATÓRIO DO GRUPO 2, p. 14).

Na igreja *neopentecostal* denominada Videira,³² os alunos-pesquisadores do Grupo 1 trouxeram o seguinte relato: o tempo médio do culto foi de 2 horas. Na liturgia houve louvor, avisos, oração, palavra de oferta, avisos e Palavra. O tempo da Palavra foi de 01h 05minutos após a leitura do texto bíblico de Êxodo (16. 16-24):

³² A Pesquisa foi realizada no dia 22/11/2015 na Igreja Videira Portal Av. anhanguera Qd. 27 Lt. 01/03 Bairro Capuava, Goiânia-GO.

Eis o que o SENHOR vos ordenou: Colhei disso cada um segundo o que pode comer, um ômer por cabeça, segundo o número de vossas pessoas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda. Assim o fizeram os filhos de Israel; e colheram, uns, mais, outros, menos. Porém, medindo-o com o ômer, não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco, pois colheram cada um quanto podia comer. Disse-lhes Moisés: Ninguém deixe dele para a manhã seguinte. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, e alguns deixaram do maná para a manhã seguinte; porém deu bichos e cheirava mal. E Moisés se indignou contra eles. Colhiam-no, pois, manhã após manhã, cada um quanto podia comer; porque, em vindo o calor, se derretia. Ao sexto dia, colheram pão em dobro, dois ômeres para cada um; e os principais da congregação vieram e contaram-no a Moisés. Respondeu-lhes ele: Isto é o que disse o SENHOR: Amanhã é repouso, o santo sábado do SENHOR; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobrar separai, guardando para a manhã seguinte. E guardaram-no até pela manhã seguinte, como Moisés ordenara; e não cheirou mal, nem deu bichos.

Na pregação foi dito pelo pregador que o maná simbolizava que Cristo haveria de descer do céu, para nos abençoar e isso se cumpriu, e agora por mais que muitos pregam renuncia e que é necessário negar a si mesmo, isso acontecia no Velho Testamento. No Novo Testamento Cristo já pagou o preço e por mais que voltemos ao Egito, à salvação já está garantida na cruz, pois o texto lido fala da lei e nós vivemos na graça e o pecado nem nada que façamos poderá separar do seu amor ou tirar a nossa salvação. Pois, a igreja vai morar no céu e o pecado não poderá tirar-nos de lá, porque Cristo já pagou esse preço (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 11).

Sobre o sermão apresentado acima, a análise é que na pregação não houve exposição de maneira fiel. O texto lido com o público foi incoerente com o que foi entregue ao público. O título da mensagem: “Maná que desceu do Céu”. Pois o alvo do sermão que é glorificar a Deus, não glorificou a Deus. Conforme ele disse: “pois nós somos aquilo que comemos, ouvimos e olhamos e Cristo é o pão do Céu que fortalece o homem, não é necessário sair do Egito, porque a morte de Cristo na cruz já garantiu a salvação” (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 15).

A Palavra pregada foi incoerente com o texto lido. Ficou claro que a mensagem não glorificou a Deus, o pregador fez analogia com o maná e Cristo o Antigo Testamento, e o Novo Testamento, o tempo do sacrifício da lei e o tempo da graça em Jesus. A mensagem foi totalmente centrada no homem, que já faz parte do corpo de Cristo, pois Deus já desceu do céu para abençoar o homem (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 15).

Na pregação foi enfatizado no homem os atos redentivos de Deus, e o sermão apresentou uma graça barata e neoliberal. Foi notado que apenas alguns dos

membros portavam Bíblia, os quais são obreiros da igreja; a maioria dos membros acompanhava a pregação através de uma revista fornecida na entrada do culto (RELATÓRIO DO GRUPO 1, p. 16).

A prática em questão lembra as missas das Igrejas Católicas, percebendo a diminuição da capacidade dos indivíduos em pensar ou agirem por si próprios, contrapondo ao que é ensinado por Jesus, “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32).

Apresentadas as pesquisas realizadas em igrejas protestantes, em grupos de afinidades teológicas, segue-se um resumo à luz do entendimento deste pesquisador neste trabalho cujo referencial teórico adotado é a base da pregação de Piper, na obra *Supremacia de Deus na pregação* (2003) e de Stott em *Eu creio na pregação* (2003).

Nos cultos das *igrejas históricas* visitadas, a mensagem foi analisada da perspectiva de Piper (2003) e Stott (2003): nas mensagens pregadas na igreja de *tradição batista* e na igreja de *tradição presbiteriana*, a Palavra teve lugar no culto, uma vez que a quantidade de tempo utilizada em sua exposição foi suficiente e teve primazia sobre as outras partes do culto; em segundo lugar, foi constatada, também, fidelidade ao texto lido na mensagem apresentada na medida em que se observou atenção exegética ao texto e fidelidade em sua apresentação, isto é, em sua entrega ao público presente.

A conclusão é que, nos dois cultos observados nas duas igrejas históricas, pelos grupos de alunos-pesquisadores, o centro da mensagem pregada foi a pessoa de Jesus Cristo, neste trabalho representado por sua cruz.

Nos cultos das *igrejas pentecostais* visitadas, a mensagem foi analisada da perspectiva de Piper (2003) e Stott (2003): em uma das igrejas de *tradição assembleiana*,³³ o tempo utilizado para a pregação foi menor que aquele dedicado aos outros elementos do culto, comparando-se o tempo total do culto; contudo, a mensagem anunciada foi de acordo com o texto bíblico lido e centrada em Cristo. Na outra igreja de *tradição assembleiana*³⁴ visitada, o tempo disponibilizado para a pregação foi coerente com o tempo total do culto, em relação aos demais elementos utilizados na noite; contudo, a mensagem não foi fiel ao texto bíblico lido, isto é, não foi fiel às Escrituras nem centrada em Cristo.

³³ Assembleia de Deus campo Campinas.

³⁴ Assembleia de Deus Tenda dos Milagres.

Nos cultos das *igrejas neopentecostais* visitadas, a mensagem foi analisada da perspectiva de Piper (2003) e Stott (2003): em uma dessas igrejas,³⁵ a mensagem foi apresentada em tempo abundante; entretanto, não foi fiel ao texto bíblico lido, pois a cruz de Cristo foi apresentada no sentido de autoajuda, centrada no ser humano, isto é, como valor do ser humano, e não centrada na pessoa de Cristo. Na segunda *igreja neopentecostal*³⁶ cuja mensagem foi analisada, o tempo dedicado à pregação foi maior em relação as outras partes do culto teve lugar, uma vez que a quantidade de tempo utilizada em sua exposição foi suficiente e teve primazia sobre as outras partes do culto; entretanto, a mensagem exposta a partir do texto lido no Antigo Testamento, foi uma analogia com a cruz de Cristo e a suposta graça barata foi proposta na pregação; além disso, o alvo da mensagem foi o homem e o Cristo da cruz foi apresentado como abençoador do homem.

Enfim, considerando que o objetivo da pesquisa de campo, adotada neste trabalho, foi “identificar o lugar da pregação bíblica na atualidade e investigar a possível perda da centralidade da pessoa de Cristo, simbolizada pela cruz, e do poder da pregação na igreja”, constata-se que nas seis igrejas pesquisadas, escolhidas dentro dos limites das três manifestações de afinidade teológica (históricas, pentecostais e neopentecostais), ainda que não entendidas como amostra representativa do universo pesquisado (igrejas protestantes), é possível ter uma ideia de como estão as duas áreas de interesse da pesquisa: 1. Quanto ao lugar da pregação da Palavra, 46,6 por cento delas mantiveram, na pregação analisada, espaço de tempo adequado à pregação considerando o total do tempo utilizado no culto; e 53,4 por cento não o fizeram; 2. Quanto à fidelidade à Palavra de Deus, lida e exposta, constatou-se que 50 por cento delas foi fiel ao texto sagrado lido e apontaram para Cristo, ou seja, para a mensagem da cruz; e 50 por cento apontaram para o homem, contradizendo o texto lido.

Diante disso, cabe apresentar alguns aspectos da pregação bíblica, indicando porque o centro da mensagem cristã deve ser a cruz de Cristo.

3.2 Aspectos necessários da pregação da cruz

³⁵ Igreja Fonte da Vida.

³⁶ Igreja Videira.

Segundo Botelho (2012), Paulo foi o escritor que deu mais ênfase na interpretação do significado da pessoa e obra de Jesus Cristo. O tema e o conteúdo da pregação na igreja nos leva a refletir sobre a palavra Kerigma³⁷ que para Paulo não era simplesmente uma atividade de pregação.

Paulo relaciona a pregação com o termo palavra da cruz ou loucura da pregação. Botelho (2012, p. 67) elucida que: “[...] isso nos oferece um quadro da pregação desse homem, e é notável que no Novo Testamento as palavras cruz e crucificar se acham quase somente em Paulo, se prescindimos dos evangelhos”.

Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (1. Co 1. 22-25).

De acordo com Costa (2008), a pregação da cruz nunca ecoou como algo favorável aos ouvidos que já dispunham de seu filtro cultural e teológico. Para os judeus, ecoava como escândalo³⁸ e pedra de tropeço, pois esta realidade não era conciliável com suas crenças, para os gregos era loucura³⁹. Entretanto, a mensagem de Paulo era a base do insulto causado por Jesus que é a cruz, que exclui toda a sabedoria humana e a sua cooperação para a salvação.

A palavra cruz não é mencionada para despertar piedade ou para entretenimento; ela visa salvar os homens. Não podemos adaptar a mensagem ao gosto de nossos ouvintes, cabe a nós anunciá-la com fidedignidade; o que se espera do despenseiro é que seja encontrado fiel (1 Co 4.2). A mensagem do Evangelho não é de interesse apenas intelectual e estético, antes, é questão de vida e morte eterna; faremos bem se atentarmos

³⁷ É uma palavra grega que significa proclamação Botelho (2012).

³⁸ “A palavra escândalo significa armadilha, algo que leva um homem a tropeçar e cair, o que, por sua vez, causa repulsão, sendo uma tentação ao pecado. Os judeus, pois, que supostamente se encontravam no caminho que conduz de volta a Deus, tropeçaram no obstáculo que é Cristo; pois julgavam-no um motivo de escândalo, visto que, de outro modo, jamais o teriam crucificado. Isso fizeram, contudo, devido à sua rebeldia voluntária. Por essa razão é que Cristo se tornou para eles uma armadilha, um empecilho, que fez com que se desviassem inteiramente na sua busca por Deus” (CHAMPLIN, 1995, p.21).

³⁹ “Para a mentalidade grega a primeira característica de Deus era a *apatheia*. Esta palavra significa incapacidade total de sentir. Os gregos sustentavam que Deus não poderia sentir. Se pudesse sentir alegria ou tristeza, aborrecer-se ou apiedar-se, significa que nesse momento alguém o havia afetado. Se isto era assim, significa que o homem havia influído em Deus; portanto, era mais poderoso que ele. Deste modo, pois, sustentavam que Deus deve ser incapaz de todo sentimento e que nada pode afetá-lo jamais. Um Deus que sofria era para os gregos uma contradição” (BARCLAY, apud COSTA, 2008, p. 100).

para o seu conteúdo e nos submetemos aos preceitos de Deus (COSTA, 2008, p. 38).

O apóstolo Paulo escreve sobre como a cruz tem poder para salvar os que creem (1 Co 1. 18): “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus”. Por meio da pregação Deus anuncia essa salvação (1 Co 1. 21), “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação”.

O Evangelho é o anuncio da morte de Cristo, o Deus encarnado, que deu a sua vida para salvar o seu povo. A sua expiação foi completa, tendo um valor infinito. Não existe Evangelho sem a cruz de Cristo. A cruz não foi um acidente, foi o desfecho da obra eterna de Deus (1 Pe 1.18-20; Ap 13.8; At 2.22-24; 4.27,28; Gl 1.3,4). Pregar a Cristo significa experienciá-lo como Aquele que, através de sua cruz, corrige as relações dos homens com Deus (COSTA, 2008, p. 38).

O apóstolo Pedro, em seu discurso em Atos (2. 22-24), relata sobre a crucificação de Jesus, que não pode ser detida na cruz pois Deus já havia determinado o triunfo sobre a morte:

Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmos sabem. Este homem lhes foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse.

Os evangelistas do Novo Testamento anunciaram acerca de Cristo. Um desses anúncios é um versículo muito conhecido do Evangelho de João (3. 16): “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Portanto, a mensagem bíblica cristã da cruz é, em si mesma, um apelo para que os homens se arrependam de seus pecados e creiam em Cristo. Não podemos ser indiferentes diante desta mensagem de amor e redenção que foi anunciada pela igreja apostólica, por várias razões.

Seguem algumas razões que indicam porque a cruz de Cristo é o centro da mensagem cristã.

3.2.1 Porque a cruz é o cerne da pregação

A cruz se mantém no próprio centro de nossa vida cristã. Embora muitos cristãos estejam confusos quanto ao cerne do evangelho, visto que várias opiniões apóstatas tem influenciado a pregação, “O alvo da pregação é a glória de Deus refletida na submissão prazerosa de sua criação” (PIPER, 2003, p.27).

Segundo Sproul Jr. (2013), o que em Deus é justiça, no homem é pecado. Necessitamos reconhecer esse problema em nós, se desejarmos assemelhar a necessidade da cruz em nós. Piper (2013, p. 28) relata sobre esse problema e explicita que: “[...] há um obstáculo a esta pregação em Deus e há um osbstáculo no homem. O orgulho do homem não se deleita na glória de Deus, enquanto que a justiça de Deus não deixará que sua glória seja escarnecida”.

Conforme Gênesis 3, o pecado entrou no mundo por meio de uma tentação, da qual o sentido era: “serás como Deus”. E por meio desse ato houve a queda do homem e o pecado herdado nos revela a necessidade da cruz. Sproul Jr. (2013, p. 36-37) aponta para o pecado como uma traição universal e relata sobre:

Traição universal é uma caracterização possível do pecado, mas a Bíblia apresenta várias outras descrições que esclarecem a necessidade da cruz e o que Cristo realizou nela. De fato, há três maneiras distintas pelas quais o pecado da raça humana é descrito e apresentado na Bíblia – ele é chamado uma dívida, um estado de inimizade e um crime. Ao usar essas descrições, a Bíblia nos ajuda a ver o nosso pecado em todo o seu horror.

De acordo com Piper (2003), como encontraremos alguma esperança de que a pregação alcançará seu alvo, em que Deus seja glorificado nos que estão satisfeitos nele? Haverá algum dia em que Deus transmitirá a sua justiça em sua oposição aos pecadores? É possível que o orgulho do homem seja dissipado e a sua vaidade, para satisfazer-se na glória de Deus? Existe uma base para essa esperança? Há esperança fundamentada para uma pregação verdadeira?

Há, sim. Na cruz de Cristo, Deus encarregou-se de superar os dois obstáculos à pregação. A cruz supera o obstáculo objetivo, externo, da oposição da justiça de Deus ao orgulho humano, e supera o obstáculo subjetivo, interno, de nossa oposição orgulhosa à glória de Deus. Fazendo assim, a cruz se torna a base da validade objetiva da pregação e a base da humildade subjetiva da pregação (PIPER, 2003, p. 29).

Portanto, sem a cruz, a justiça de Deus seria demonstrada na condenação de pecadores, e a cruz como o cerne da pregação não teria veracidade ou verdade alguma. Deus não seria glorificado com o resgate do homem por meio do preço pago por Jesus Cristo na cruz. Assim, o julgamento de Deus seria apenas para vindicar a destruição de toda a humanidade.

3.2.2 Porque a cruz é relevante

Para Stott (2006), na cruz de Jesus, o próprio Deus, está crucificado. O Pai sofre a morte do Filho e leva sobre si os sofrimentos e a dor da história humana. E Deus se compadece pela humanidade; portanto, Ele revela-se a si mesmo como o Deus do amor. Amor esse que foi revelado na cruz (Piper, 2003, p. 31), demonstra como ela é importante nos dias hodiernos:

O sentido da cruz é horivelmente distorcido, quando os profetas contemporâneos que pregam a auto-estima dizem que a cruz é testemunha do meu valor infinito, já que Deus estava disposto a pagar um preço tão alto para me alcançar. A perspectiva bíblica é que a cruz é testemunha a favor da infinita dignidade da glória de Deus e contra a imensidão do pecado de meu orgulho. O que deveria chocar-nos é que temos trazido tanto desprezo sobre a dignidade de Deus que a morte de seu próprio Filho foi requerida para vindicar esta indignidade. A cruz se levanta como testemunho da infinita dignidade de Deus e o infinito ultraje do pecado.

De acordo com Lloyd-Jones (1998), a ideia primordial que a igreja tem, é a incumbência inicial de proclamar a salvação, e isso não consiste em educar os homens, nem curá-los fisicamente ou psicologicamente, e nem em torná-los felizes. A cruz ratifica isso Piper (2003, p. 31-32) expressa:

Consequentemente, o que Deus conquistou na cruz de Cristo é a autorização ou o fundamento da pregação. A pregação seria inválida sem a cruz. O alvo da pregação conteria uma insolúvel contradição – a glória de um Deus justo engrandecida na felicidade de um povo pecador. Mas a cruz juntou dois aspectos do alvo da pregação que pareciam encontrar-se desesperadamente em divergência: a justificação e exaltação da glória de Deus e a esperança e felicidade do homem pecador.

Daí a importância da cruz na pregação. Botelho (2012) afirma que as pessoas passaram a afirmar sua fé em Deus e nos evangelhos, distanciando do conceito

histórico, com a interpretação que a Bíblia possui uma mensagem egocêntrica e íntima para aqueles que forem capazes de crer.

Dessa forma, o anúncio do evangelho se iguala a qualquer outra mensagem religiosa da antiguidade ou da atualidade. Botelho (2012, p.12-13) fala sobre a razão prática em que o caos do mundo tem afetado a mensagem da igreja, e isso é um desafio para ela, visto que:

[...] é muito claro que as mensagens dos pregadores de hoje têm se afastado do conteúdo central da mensagem dos evangelhos. O que antes era uma estratégia de atração, hoje se tornou a essência da pregação. Como consequência, constatamos a igreja popular cada vez mais distante da mensagem original do evangelho, esta substituída por um discurso imediatista, irreal e sem nenhuma fundamentação bíblica. Na disputa pela conquista de adeptos, vale dizer qualquer coisa, vale fazer qualquer promessa bizarra.

Contudo Piper (2003), fala que sem a cruz, a mensagem que tem como alvo glorificar a Deus, se torna vazia de sentido e perde a sua essência, mesmo estando vazia pela justiça divina que resgatou o homem pecador. Pela sua justiça a cruz é o evangelho por detrás de todas as outras coisas que a pregação deve anunciar.

3.2.3 Porque a cruz significa a autodoação do Filho

O ponto no qual o apóstolo Paulo faz mais questão de enfatizar o poder crucificador da cruz, que é o ponto central de sua pregação. “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo” (Gl 6.14).

Paulo fala sobre essa entrega que assim como Cristo se doou em favor da igreja, o cristão deve estar disposto a se entregar e viver uma vida que glorifique a Ele. Gálatas (2. 20) “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”.

Como, pois, podia Deus expressar simultaneamente sua santidade no juízo e seu amor no perdão? Somente providenciando um substituto divino pelo pecador, de modo que o substituto recebesse o juízo, e o pecador o perdão. É claro que nós, pecadores, ainda temos de sofrer algumas das consequências pessoais, psicológicas e sociais de nossos pecados, mas a consequência penal, a penalidade merecida da alienação de Deus foi levada

por Outro em nosso lugar, de modo que não necessitássemos suportá-la (STOTT, 2006, p. 137-138).

As Escrituras do Antigo Testamento claramente apontam para a expiação. Demonstra a intenção de Deus para que seu Filho viesse ao mundo, em forma de servo e, como homem, vivesse e sofresse uma morte vicária em favor de seu povo Isaías 53:

Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR? Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos vivos; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca. Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.

Segundo Sproul Jr. (2013), os relatos do Novo Testamento nos dão uma interpretação fiel dos acontecimentos envolvidos na crucificação e as epístolas relatam a obra substituta, citando diversas vezes o Antigo Testamento. Dessa forma, pela graça de Deus e iluminação do Espírito Santo, podemos entender o verdadeiro significado, para o pecador, da entrega de Jesus na cruz.

A auto doação de Cristo transforma a nossa atitude para conosco mesmos e de igual forma para com Deus. Assim, Stott (2006, p. 289) explicita como isso acontece:

Além do mais, a cruz de Cristo nos ensina as duas atitudes. Por um lado, a cruz é a medida dada por Deus do valor de nosso ser verdadeiro, visto Cristo

ter-nos amado e morrido por nós. Por outro lado, é o modelo dado por Deus para a negação de nosso ego falso, visto que devemos pregá-lo na cruz, mortificando-o. Ou, de modo mais simples, diante da cruz vemos simultaneamente o nosso valor e a nossa indignidade, já que percebemos tanto a grandeza do amor e da morte de Cristo quanto a grandeza de nosso pecado que lhe causou a morte.

A cruz, da mesma forma, é a base da humildade da pregação, pois ela é o poder de Deus para crucificar o orgulho do pregador como o da igreja. Por isto a cruz de Cristo não somente providência a base para a pregação, como retrata a submissão prazerosa de pecadores, pois ela fornece um fundamento para humildade da pregação. Visto que é um evento substitutivo no passado como também uma experiência presente de execução (PIPER, 2003).

Esta cruz destrona todo o nosso ego e confronta a nossa situação pecaminosa, que apontou no passado para a morte do Filho de Deus e salvador de todos aqueles que creem. E no presente nos constrange, Pois os nossos pecados o trouxeram a cruz e temos a certeza de uma esperança futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cruz de Cristo é um assunto na teologia atual, que nos mostra como ela é importante na pregação bem como na ação da vida do homem; ela faz o ser humano entender que sem o Cristo da cruz não há salvação. E por meio dela, somos confrontados em nosso orgulho, arrogância e necessidade do desprendimento do egocentrismo.

Esta pesquisa mostrou a importância de pregar a mensagem da cruz ao homem, por meio da abordagem bibliográfica de alguns teóricos que discorrem sobre o assunto como Stott (2003; 2006); Piper (2003); Costa e Matos (2008) e Botelho (2012), todos esses embasados nas Escrituras sagradas como Palavra de Deus, que não mudou na sua interpretação, apesar da modernidade e toda a sua influência nas igrejas e em sua mensagem.

O que levou à pesquisa foi o interesse em saber e a preocupação de como as igrejas estão anunciando a mensagem através dos mensageiros. Pois, o mundo atual está olhando para as igrejas e seus pregadores. Com um olhar como Tomé: “A menos que eu veja em suas mãos o sinal dos cravos [...] não o creerei”. Dessa maneira, observam, certo que a mensagem centrada nas Escrituras continua a ecoar nos ouvidos daqueles que querem ouvir.

Em suma, foi possível notar-se a divergência na pregação das igrejas abordadas na pesquisa. Fica a certeza que a mensagem da cruz e o Cristo que glorifica a Deus estão sendo anunciado pelas igrejas oriundas das Escrituras e fiel ao texto bíblico. Assim, a Palavra tem lugar na igreja que se dispõe a anuncia-la na dependência de Deus e sua ação.

Conforme apresentado, a mensagem bíblica verdadeira e atual não mudou em todo esse tempo, mas a centralidade e o modo de interpretá-la, por alguns para o mundo contemporâneo sofreu influência a ponto de mudarem o sentido original do texto bíblico, visando agradar os homens que colocam a sua esperança no presente.

Portanto, se faz necessário o empreendimento de outras pesquisas, no que diz respeito a pregação centrada nas Escrituras de maneira fiel ao texto, e como os mensageiros pregam a cruz nas igrejas, para contrastar e interligar com outros resultados apresentados pelas futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. A. *Bíblia da liderança cristã*. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- ALMEIDA, R. C. *Bíblia de estudo plenitude*. 4ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.
- BORN, A. Van Der. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6º ed. Petropolis RJ: Vozes, 2004.
- BOTELHO, Marcos Campos. *O centro da mensagem cristã: uma análise exegética e prática de textos bíblicos*. Goiânia: Editora FAIFA, 2012.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown 2º ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo I Coríntios II Coríntios Gálatas Efésios*. São Paulo: Candeia, 1995.
- CUNHA, Nazira da Silva (organizadora). *Projeto de análise metodológica na pregação e liturgia no culto cristão*. Goiânia: FAIFA, 2015.
- ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.
- ERICKSON; Millard J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2015.
- FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas, SP: Unicamp, 1993.
- GRAHAM, Billy. *Mundo em chamas*. Venda Nova: Betânia, 1968.
- KELLER, Timoty. *A cruz do rei*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2012.
- LLOYD-JONES, Martyn David. *Pregação e pregadores*. 4ºed. Tradução João Marques Bentes. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1998.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo Pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: Lyola, 1999.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata* XI, nº 2 (2006), p. 23-50. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XI_2006_2/Alder.pdf. Acesso em: 20 jun. 2017.

MATOS, Alderi Souza de; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Cristo e a cruz*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MCGRATH, ALISTER E. *Lutero e a teologia da cruz*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo Soares de. *A Injustiça no Direito Romano: o caso da perseguição aos cristãos em Roma na visão de Tertuliano*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG), 2012.

PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. *Cruz credo: o credo da cruz*. Londrina: Editora IDE, 2002.

PIPER, John. *Supremacia de Deus na pregação: teologia estratégia e espiritualidade do ministério de púlpito*. Tradução Augustus Nicodemos. São Paulo: Shedd publicações, 2003.

SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. Tradução Estevan F. Kirschnner. São Paulo: Vida, 2009.

SPROUL JR, R.C. *A verdade da cruz*. Tradução Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Editora Fiel 2013.

SPROUL, R. C. *Salvo de quê?: compreendendo o significado da salvação*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

STOTT, John. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Vida, 2006.

_____. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003.

YOUNGBLOOD, Ronald F; BRUCE, F. F; HARRISON, R. K. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WASHER, Paul. *O verdadeiro Evangelho*. São Paulo: Fiel, 2007.